

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA CLARA SALES DE MEDEIROS SOUZA

**A VISÃO DE PAIS SOBRE A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA  
NA VIDA DE SEUS FILHOS**

SÃO PAULO  
2019

MARIA CLARA SALES DE MEDEIROS SOUZA

**A VISÃO DE PAIS SOBRE A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA  
NA VIDA DE SEUS FILHOS**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rosa Maria Tosta

SÃO PAULO  
2019

Dedico este trabalho a todos aqueles que ainda acreditam na magia das histórias infantis e que vêem na criança a potencialidade um mundo rico e um imaginário brilhante.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Professora Doutora Rosa Maria Tosta, que desde o início dedicou-se a este trabalho e mostrou empolgação, acreditando em minha potencialidade para realizá-lo, mesmo quando tive que desistir de um outro tema e iniciar novamente do zero. Sempre se mostrou solícita com a pesquisa, sugerindo excelentes ideias e me tranquilizando com o passar das datas.

Agradeço aos meus pais, Emília e José Ibiapino que, embora a seu modo, sempre me incentivarem a seguir meus sonhos e não pouparem esforços para me ajudar. Os valores e tradições que vocês me passaram representam o mundo para mim, nada seria sem vocês!

Agradeço meu namorado, Gabriel Pereira, por ser o parceiro mais amável e paciente que poderia ter, além de toda a ajuda e carinho que ainda me proporciona, mesmo com o passar dos anos.

Agradeço a minha irmã, Nádia, que também foi um suporte durante a graduação e me ajudou proporcionando momentos descontraídos, acreditando em minha potencialidade quando eu mesma duvidava.

Agradeço a Márcia Pereira, que foi quem me mostrou primeiro a Psicologia e me fez amar o mundo infantil. Seus conselhos e suporte durante a graduação e a vida foram essenciais.

Agradeço aos amigos que fiz durante a graduação, que me ajudaram e me sustentaram no meio acadêmico, oferecendo boas risadas e apoio quando necessário. A amizade destes eu espero que ultrapasse o ambiente acadêmico e dure a vida inteira.

Agradeço ao corpo docente da PUC que, através de aulas tão diversas e variadas me fizeram amar a Psicologia cada dia mais e ter certeza que é a área que quero seguir.

Agradeço à professora Anete Busin Fernandes por ter aceitado ser parecerista deste trabalho e por ter me apresentado, em suas disciplinas, o maravilhoso mundo infantil.

Por fim e substancial para que eu pudesse chegar até aqui, eu agradeço as políticas públicas focadas na educação, sobretudo o ProUni, programa que propiciou que tantos como eu pudessem entrar numa universidade e realizar o sonho tão sonhado por tantos.

*Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial. Talvez pudesse viver sem escrever, mas não creio que pudesse viver sem ler.*

(Alberto Manguel)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever a influência da contação de histórias na vida das crianças a partir da ótica dos pais que contam histórias para seus filhos e verificar qual a motivação dos pais em manter tal hábito. Segundo o referencial psicanalítico, a contação de histórias é uma atividade que pode fornecer um espaço potencial no qual a criança tem a possibilidade de elaborar seus conflitos inconscientes e sentimentos e entrar em contato com eles de modo mais adequado a ela, além de ser uma maneira de transmissão de cultura e fortalecimento de vínculos. Tal estudo justifica-se na medida em que a contação de histórias era um costume fundamental no que diz respeito a transmissão de cultura e que foi se perdendo com o passar de tempo em função do advento das inovações tecnológicas, porém, tal costume ainda se mantém e tem-se interesse em mostrar o que faz com que ele se mantenha. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com mães e/ou pais que tenham o hábito de contar histórias para seus filhos de até seis anos. A análise do conteúdo das entrevistas foi feita através de categorias retiradas dos temas das entrevistas, que foram: familiaridade dos pais com a leitura, motivação do hábito, momento da leitura, tipos de histórias contadas: histórias prontas *versus* histórias inventadas, histórias como expressão de sentimentos, vínculo mãe-filho(a), linguagem, imaginação e informações sobre aquisição de livros. Dos resultados, percebeu-se que a contação de história é um costume bastante valorizado, tendo influência positiva em diversos aspectos, como melhora do vínculo entre mãe-filho, aumento do repertório linguístico, trabalhando a imaginação e a criatividade, sendo, em sua maioria, realizado no momento que a criança vai dormir. Conclui-se que os pais possuem uma visão positiva da contação de histórias, citando seus benefícios e também a importância de tal hábito ser realizado no ambiente familiar.

**Palavras-chave:** contação de histórias, pais, crianças, psicanálise, literatura infantil, contos.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1 A LEITURA MEDIADA</b> .....	13
<b>2 AS HISTÓRIAS E O ESPAÇO POTENCIAL</b> .....	18
<b>2.1 O brincar e o espaço potencial</b> .....	22
<b>3 MÉTODO</b> .....	24
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	26
<b>4.1 Dados da ficha sociodemográfica</b> .....	26
<b>4.2 Resultados e análise das entrevistas</b> .....	27
4.2.1 <i>Informações sobre aquisição de livros</i> .....	27
4.2.2 <i>Familiaridade dos pais com a leitura</i> .....	28
4.2.3 <i>Motivação do hábito</i> .....	30
4.2.4 <i>Momento da leitura</i> .....	32
4.2.5 <i>Dramatização</i> .....	34
4.2.6 <i>Tipos de histórias contadas: histórias prontas versus histórias inventadas</i> .....	35
4.2.7 <i>Histórias como expressão de sentimentos</i> .....	37
4.2.8 <i>Vínculo mãe-filho(a)</i> .....	40
4.2.9 <i>Linguagem</i> .....	41
4.2.10 <i>Imaginação</i> .....	43
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
<b>ANEXO A - FICHA SOCIODEMOGRÁFICA</b> .....	52
<b>ANEXO B - QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA</b> .....	53
<b>ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....	54
<b>ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA</b> .....	56
<b>ANEXO E – ENTREVISTAS</b> .....	60

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, as mídias e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis e em todo lugar. No que tange às crianças, as tecnologias se mostram cada vez mais próximas de seu alcance, fazendo com que as informações cheguem a elas através dos meios de comunicação como a televisão, o celular e a internet, e nesse contexto, os livros e as histórias encontram-se sendo mais esquecidos (MATEUS *et al.*, 2013).

A contação de histórias é um costume bastante antigo, através do qual as pessoas se reuniam em volta de fogueiras e, por meio de histórias, lendas e narrações, eram transmitidos os costumes, os valores, explicações e conhecimentos daquela cultura (MATEUS *et al.*, 2013; SILVA; GARCIA; SILVA, 2015).

Em outras culturas, mães, pais e avós contavam suas próprias histórias e compartilhavam suas experiências com o coletivo, e desse modo, as crianças e os jovens aprendiam sobre as histórias vividas por eles, o que atualmente vêm se perdendo e poucas famílias mantêm o hábito de contar histórias para os filhos quando estes vão dormir, dando lugar a televisão, ao vídeo-game e ao computador (SCHERER, 2012).

Segundo Scherer (2012), a contação de histórias é uma atividade que se mantém mais regularmente nas escolas de educação infantil, promovendo momentos de “interação comunicativa e fantasia” (p. 319) e pouco ocorre na família da criança, o que poderia oportunizar momentos com sentido, pois a atividade seria conduzida com pessoas ligadas afetivamente à ela. No contexto educacional, alguns dos benefícios promovidos pela contação de histórias são: aumento do hábito, gosto pela leitura e ampliação do vocabulário (MATEUS *et al.*, 2013; SCHERER, 2012)

A contação de histórias, segundo Bussatto (2003 apud PERES; NAVES; BORGES, 2018), é uma ferramenta que percorre diversas dimensões, como a afetiva, cognitiva e social, contribuindo para tornar as pessoas mais cidadãs, íntegras e solidárias. Desse modo, a contação de histórias estimula a imaginação, a criatividade, auxilia no processo de formação da personalidade da criança vinculando o social e o afetivo, dentre outros benefícios (MATEUS *et al.*, 2013).

A contação de história é uma atividade que promove a imaginação por fazer uma ponte entre o mundo real e o mundo fictício, e assim, ao entrar em contato com a história, a experiência do narrador e dos personagens torna-se parte do indivíduo que escuta e lê a história também, ampliando sua experiência vivencial. Nesse contexto, os fatos narrados, as cenas e os personagens são todos do plano do imaginário, mas os sentimentos e emoções

perpassam a ficção e se efetivam na realidade (RODRIGUES, 2005 apud MATEUS *et al.*, 2013).

Nesse sentido, Combs e Beach (1994 apud SANTOS; JOLY, 1996) trazem que o relato de histórias é primordial e auxilia a construir a visão dos indivíduos sobre a realidade. Segundo os mesmos autores, as crianças estão expostas a um mundo de constantes mudanças e o envolvimento da família, através do relato de histórias, seria elementar para fornecer o apoio necessário ao currículo escolar em meio a este mundo tão repleto de mudanças.

No que diz respeito ao conteúdo abordado nas histórias, Zittoun (2007) afirma que quando estas remetem a valores, amizade, preconceito, entre outros temas, promovem-se recursos simbólicos que possibilitam “a produção de significados ou ação sobre si, sobre os outros e/ou sobre a realidade compartilhada” (ZITTOUN, 2007 apud PERES; NAVES; BORGES, 2018, p. 152). Além de que, ao utilizar-se tais recursos, adquirem-se experiências sociais vinculadas a experiências emocionais, o que promove o processo de imaginação (PERES; NAVES; BORGES, 2018).

A arte de contar histórias possibilita às crianças que estas possam fazer diversas leituras do mundo, criando e imaginando situações em que elas estabeleçam relações consigo mesmas e com o mundo que as tange. Desse modo, auxilia no desenvolvimento da criatividade, promove a autoestima e a confiança da criança, mostrando seu uso também em contextos terapêuticos, como na recuperação de crianças hospitalizadas (ARAÚJO, 2009 apud SILVA; GARCIA; SILVA, 2015).

Sunderland (2005) afirma que as histórias podem ser um caminho para adentrar o mundo infantil, uma vez que elas se utilizam de metáforas e, quando em contato com as histórias, a criança adentra um mundo de fantasias, onde os acontecimentos acompanham seu ritmo e onde as coisas são possíveis (apud SILVA; GARCIA; SILVA, 2015). Tal autor refere que é difícil para as crianças lidarem com sentimentos como a raiva, tristeza e medo e o adulto, ao tentar ajudá-la a resolver seus conflitos, o faz de maneira muito complexa, sem acompanhar o ritmo e desenvolvimento no qual a criança se encontra e, deste modo, a contação de histórias seria um caminho para a criança lidar e conhecer tais sentimentos. Além disso, “Quando a criança ouve uma história ela descobre o universo da leitura pela voz, plena de entonação e significação, fortalecendo laços de confiança e identificação” (SCHERER, 2012, p.321). Para os pais, o momento da contação de histórias se faz como uma atividade bastante singular em que aqueles podem participar do desenvolvimento dos filhos, além de promover a interação e o diálogo (SCHERER, 2012).

Num estudo produzido por Scherer (2012) foi realizada uma oficina de contação de histórias, na qual os pais deveriam reservar um momento do seu dia para contar histórias - escolhidas por ela - para os seus filhos. Como resultado, muitos pais concluíram que a intervenção foi positiva, notando que as crianças passaram a fazer uso da imaginação, a ter mais interesse pelas histórias, e, por fim, foi visto como um momento de aproximação e fortalecimento de vínculo entre pais e filhos.

O discurso familiar exerce grande influência no que se refere ao entendimento das emoções de crianças pequenas. Num estudo longitudinal feito por Brown e Beardsall (1991 apud ARAUJO; SPERB; BITTENCOURT, 2017) foi verificado que o uso que os familiares faziam da linguagem que envolve sentimentos antevia o reconhecimento dos sentimentos e a capacidade de compreensão emocional feita pela criança, três anos depois. Uma atividade na qual os familiares dispõem de um discurso que oportuniza, além de trocas linguísticas, reflexões sobre os pensamentos e sentimentos dos personagens, é a própria contação de histórias. Nesse tipo de narrativa, a pessoa que conta costuma incluir diversas fontes de conhecimento, como experiências prévias e a reflexão sobre tais experiências, expressando desejos, intenções e pensamentos sobre o que as personagens fazem, o que favorece o contato com as emoções (ARAUJO; SPERB; BITTENCOURT, 2017).

As histórias e os contos trazem elementos que propiciam que a criança se identifique e projete seus conflitos inconscientes (BETTELHEIM, 2004). Segundo o mesmo autor, para que uma história enriqueça a vida de uma criança, ela deve:

“estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez se relacionar com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro” (BETTELHEIM, 2004, p. 13)

Desse modo, a contação de histórias pode promover a abertura de espaços potenciais, possibilitando acesso ao mundo inconsciente do paciente e a seu processo de simbolização (GUTFREIND, 2010; FREUD, 1913 apud PORT *et al*, 2014). O conto, segundo Castro (2009 apud PORT *et al*, 2014), se estabelece como um local seguro, no qual a criança vê a possibilidade de expressar seus sentimentos, angústias e fantasias, podendo nomeá-los.

Segundo Safra (2006; 2011 apud SILVA; ASSIS, 2017), ao contar uma história, tenta-se compartilhar uma experiência, tornando-a presente. Em seus atendimentos clínicos, o autor utilizou-se de histórias infantis como meio de comunicação adequado ao processo maturacional pelo qual a criança estava passando. Segundo ele, “os contos mostram à criança questões humanas que ela vivencia, mas que não tem condições de verbalizar.” (SILVA; ASSIS, 2017, p. 65).

Bettelheim (2004) afirma que as histórias podem transmitir mensagens muito importantes às crianças, “elas falam ao ego em crescimento e encorajam seu desenvolvimento ao tratar de problemas humanos universais” (p. 14), além disso, as histórias viabilizam que a criança possa colocar seus conflitos a disposição de sua criatividade (SAFRA, 2011 apud SILVA; ASSIS, 2017). Outros autores (ZATTI;KERN, 2014 apud SILVA; ASSIS, 2017) afirmam que o narrar promove um aumento da possibilidade de elaboração dos conflitos internos vividos pela criança.

No que tange a imaginação, Bettelheim (2004) afirma que os contos de fadas fornecem à imaginação da criança aspectos que ela não conseguiria conceber sozinha e assim, os contos auxiliam a criança a entrar em contato com aspectos psicológicos decorrentes de seu crescimento - “decepções narcísicas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas” (p.14) - de modo mais afastado e prolongado. Os contos de fadas permitem a criança entrar em contato com os conteúdos inconscientes através das fantasias, o que oportuniza que ela comece a lidar com tal conteúdo (BETTELHEIM, 2004).

Winnicott (1975) enunciou sobre a capacidade da criança criar, imaginar, inventar e produzir um objeto, sendo este último, um objeto não-eu, criado num espaço intermediário - ao qual Winnicott chamou de espaço potencial -, situado entre o interior e o exterior, no qual o indivíduo pode experienciar e vivenciar situações diversas da vida. Neste espaço potencial, a criança pode lidar satisfatoriamente e criativamente com a realidade objetiva (Winnicott D. W., 1975; Safra, 2011 apud SILVA; ASSIS, 2017). De acordo com Gutfreind (2010 apud SILVA; ASSIS, 2017), as histórias e os contos podem encontrar-se nesse espaço potencial, podendo constituir-se como objetos transicionais, nos quais a criança pode investir, elaborando um universo imaginário que mediará a relação da criança com o ambiente externo. Segundo Safra (2011 apud SILVA; ASSIS, 2017), “as histórias favorecem o aparecimento do espaço potencial, pois elas são uma forma de comunicação, que possibilita à criança falar de si mesma, ser compreendida, de usar sua própria imaginação, sem ser invadida.” (p. 67), onde a criança pode transformar suas experiências em elementos suportáveis, deixando agir sua criatividade e espontaneidade sobre eles.

Outros autores (Gutfreind, 2010; Costa *et al*, 2013 apud SILVA; ASSIS, 2017) também destacam o papel do conto na mediação entre a criança e seus conflitos:

“ler ou ouvir contos pode possibilitar que a criança continue pensando nela mesma, no momento em que entra em contato com sentimentos e conflitos difíceis de serem suportados e que, sem esse filtro da narrativa, poderia paralisar sua capacidade associativa ou ainda lhe causar sintomas” (SILVA; ASSIS, 2017, p.68).

Sendo assim, tem-se que a contação de histórias é uma atividade que promove a imaginação e a criatividade das crianças, propiciando espaços em que ela pode entrar em contato com seus conflitos internos e com suas emoções. O papel da contação de histórias em casa, embora esquecido, é visto como fundamental na transmissão de valores e cultura, além de propiciar momentos de interação e influenciar no vínculo entre pais e filhos. De acordo com o referencial psicanalítico, a contação de histórias pode fornecer um espaço potencial para a criança projetar seus conflitos inconscientes e sentimentos e entrar em contato com eles de um modo que seja mais adequado para ela. Neste estudo compreende-se por histórias qualquer material referente a literatura infantil, sejam elas fábulas, contos no geral, contos de fadas, entre outros.

## • OBJETIVOS

### **Objetivo Geral**

Descrever a visão dos pais sobre o hábito de contar histórias para os filhos.

### **Objetivos Específicos**

1. Descrever a influência da contação de histórias na vida da criança a partir da ótica dos pais que contam histórias para seus filhos.
2. Verificar qual é a motivação de pais para manter o hábito de leitura.

## 1 A LEITURA MEDIADA

Uma boa parte da história da humanidade foi transmitida por meio dos mitos e, através deles, se propunha a passar adiante toda a sabedoria acumulada (CORSO;CORSO;2009). O mito mostrava um modo de enxergar o mundo e responder aos questionamentos da sociedade. Dito isso, pode ponderar-se que, pensar por meio de histórias é uma capacidade humana, e assim, histórias, lendas e mitos compõem o espaço potencial no qual se tem a possibilidade de projetar emoções e situações.

Em algumas sociedades, a tradição oral se sobrepõe a tradição escrita, no que diz respeito ao fornecimento de recursos que permitam a associação entre experiência particular e as representações compartilhadas socialmente. Os conhecimentos da tradição oral (mitos, lendas, contos, canções, etc) permitem, nessas sociedades, a possibilidade de simbolizar emoções, significar conflitos, dar contorno a imagens interiores, inserindo os sujeitos e seus sentimentos numa continuidade, dando valor a estes sentidos (PETIT, 2012).

No que diz respeito ao desenvolvimento infantil, na fase pré-escolar, há o surgimento de uma capacidade sociocognitiva bastante importante: a teoria da mente. Tal capacidade permite à criança a identificação e compreensão de estados mentais seus e das demais pessoas, além de permitir predizer tal comportamento (RODRIGUES; PIRES, 2010 apud RODRIGUES; SILVEIRA; PELISSON, 2017). Nessa linha, tem-se que a prática de leitura de histórias infantis pode favorecer tal capacidade, por meio do desenvolvimento da linguagem, pois a criança pode participar de conversações, jogos, leitura de histórias, entre outras atividades que promovem a tarefa de vincular ações manifestas e comportamentos com estados mentais (RODRIGUES; SILVEIRA; PELISSON, 2017).

Ao promover a interação entre o texto e a criança, a leitura pode ser utilizada como uma ferramenta de conhecimento do mundo, promovendo o entendimento do campo da imaginação e da inclusão social (BOTINI; FARAGO, 2014).

Entende-se a contação de história infantil como sendo um momento de transmissão de mensagens entre o adulto e a criança, na qual, comumente, o adulto transmite o conhecimento que possui e a criança absorve tal experiência. Desse modo, tem-se que o momento da contação de histórias é também um momento de aprendizado (ANDRADE; COSTA, 2015). Nesta mesma linha de pensamento, o livro sempre emerge ao leitor como uma mensagem codificada, a qual convém ser decodificada se quiser se atingir o prazer da leitura.

Na mediação da leitura, o adulto tem um papel fundamental, pois sua presença durante a orientação e leitura de um livro para crianças é essencial para que a criança possa aprofundar-se nas descobertas do mundo real e do mundo da linguagem, por meio da atividade lúdica (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 343).

A escola é um dos principais espaços para a formação do indivíduo, podendo-se privilegiar os estudos literários, já que eles propiciam o exercício da mente, as diversas significações da realidade, a leitura do mundo nas mais abundantes situações, além de elevar o conhecimento da língua (ANDRADE; COSTA, 2015).

No que tange a educação infantil, a atuação do profissional como contador de histórias é substancial, pois, esta é uma fase em que a criança está em contato próximo com seu imaginário, lúdico e criativo, sendo assim, o profissional que atua nessa área contribui ao apresentar o mundo da literatura infantil para as crianças, conduzindo-as a curiosidade e ao prazer proporcionado na contação de histórias (ANDRADE; COSTA, 2015).

“A literatura pode ser tanto para divertir, dar prazer, emocionar... quanto para ensinar formas variadas de ver o mundo, de viver, agir, pensar, reagir, criar... E cabe ao professor saber separá-las e usá-las quando couber em cada ocasião.” (COELHO, 1991 apud ANDRADE; COSTA, 2015, p. 344).

Ao utilizar a literatura infantil na sala de aula, o professor propicia que cada criança forme uma visão sobre os personagens e sobre as cenas, cada uma realizará um julgamento, criando uma história com o que mais lhes chame a atenção. Neste processo, a criança faz uso de sua imaginação e sua criatividade (ANDRADE; COSTA, 2015).

“Ao contar histórias, o contador permite às crianças sorrir, rir, gargalhar, suscitar o imaginário, a curiosidade, gerar respostas e perguntas a tantas questões, encontrar ideias para soluções, descobrir conflitos, impasses, entender problemas defrontados, enfrentados e resolvidos, entre outras (ANDRADE; COSTA, 2015, p.348)

Na opinião de professoras, a atividade de leitura pode ser vista como um “recurso preventivo e promotor da compreensão sobre o mundo social” (p. 200), promovendo a inserção da criança na sociedade, além de propiciar o desenvolvimento das habilidades sociais (RODRIGUES; SILVEIRA; PELISSON, 2017). Este fato corrobora o explicitado por Cantarelli, Cardoso e Simioni (2006 apud RODRIGUES; SILVEIRA; PELISSON, 2017) de que a literatura infantil utilizada no contexto da sala de aula pode vir a ser um recurso lúdico no auxílio à elaboração de possíveis conflitos emocionais das crianças, isto pois, as crianças podem ver nas histórias possibilidades de expressar seus sentimentos através da identificação

com personagens, além de que a atividade de leitura promove o desenvolvimento da criatividade.

Segundo Andrade e Costa (2015), a contação de histórias deve uma atividade a ser realizada em casa, não se limitando a ser realizada na escola. É uma tarefa dos pais desenvolver o hábito de leitura em casa, estimulando assim, a curiosidade dos filhos. Ao realizar a contação de histórias, os pais podem encorajar os filhos a sentirem e conhecerem “experiências fantásticas quanto a seu futuro” (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 343). Assim, os pais não iludem as crianças sugerindo que na fantasia há fatos. Ao contrário, as crianças entendem o que acontece nas histórias e contos, e é tarefa dos pais e dos professores promover que as crianças reflitam sobre a história em seu cotidiano.

Tendo a família assumido o papel de leitor ativo em casa, ela também acaba por assumir uma postura de mediação entre o conhecimento conduzido pela criança e a possível associação que esta possa fazer entre a informação recebida e a realidade, auxiliando na compreensão sobre o mundo social (SYMONS *et al*, 2005; ADRIAN *et al*, 2007 apud RODRIGUES; SILVEIRA; PELISSON, 2017).

Segundo Petit (2012), a leitura é uma arte que se transmite, sendo a sua transmissão mais frequente dentro do seio familiar.

Segundo Botini e Farago (2014), a leitura é uma atividade que deve ser estimulada dentro do ambiente familiar para que se estabeleça algum gosto inicial, sem que ela esteja vinculada a lugares rígidos e de forma obrigatória. As autoras ainda acrescentam que quando a leitura é encorajada em ambientes informais, como o ambiente familiar, a criança adquire contato com a leitura desde cedo, o que pode auxiliá-la numa melhor compreensão de textos mais tarde. Tendo a leitura inserida desde cedo por meio do ambiente familiar, o leitor demonstra maior facilidade em compreender o mundo no qual vive, além de emergir um senso crítico mais cedo (VIEIRA, 2004 apud BOTINI; FARAGO, 2014).

Raimundo (2007 apud BOTINI; FARAGO, 2014) nos traz que a leitura quando realizada dentro do ambiente familiar pode ser leve e agradável, proporcionando um maior vínculo entre pais e filhos. O mesmo autor ainda traz que a leitura realizada em voz alta é vista como um fator motivador entre pais e filhos por oportunizar a troca de experiências entre eles, auxiliando a criança a compreender o que é concebido como “benéfico pelos pais” (RAIMUNDO, 2007, p. 111). Além disso, tem-se que a experiência adquirida por meio da

leitura torna as pessoas mais conscientes do próprio mundo, possibilitando que elas possam adquirir e construir uma visão mais crítica dele.

Segundo Pereira e Pedrosa (2015), os pais são os principais responsáveis por ensinar regras e transmitir valores às crianças, sendo estes necessários à sua socialização, promovendo recursos que facilitem seu desenvolvimento. Ainda de acordo com as mesmas autoras, os pais possuem influência incontestável sobre os primeiros anos de vida da criança, porém, poucos estudos mostram como os pais se apropriam da cultura infantil a fim de transmitir valores.

No estudo promovido por Pereira e Pedrosa (2015), objetivou-se estudar as estratégias utilizadas pelos pais para transmitir valores aos filhos. Neste estudo, os pais assistiam a um filme dito da cultura infantil e, após, deveriam recontar a história do filme para a entrevistadora, simulando a recontação da história do filme que faria para sua (seu) filha (o). Como resultado, muitos pais contaram que utilizariam a história do filme para transmitir valores a seus filhos, como por exemplo o valor da perseverança. Além disso, é demonstrado que, a fim de melhor aproveitar a compreensão sobre a mensagem do filme pelas crianças, se faz necessária a condução feita por um adulto, isto é, é preciso a mediação de um adulto sobre a mensagem transmitida pelo filme (TOMASELLO, 2003 apud PEREIRA; PEDROSA, 2015). Tal mediação propicia a transmissão cultural, incluindo aspectos como conteúdos normativos e valorativos compartilhados pelo social.

Outro aspecto bastante importante que emerge através das histórias são as emoções. Diversas emoções são apresentadas por meio das histórias, como exemplo, raiva, tristeza, irritação, alegria, medo, entre outras, que variam de acordo com o modo como a narração é realizada e de acordo com cada criança que escuta a história, sofrendo influência também da sua identificação ou não com determinados personagens (ANDRADE; COSTA, 2015).

Segundo Mendes (2011 apud ANDRADE; COSTA, 2015), para que a história contada resista e persista no indivíduo, é necessário que ela seja contada de modo a despertar no ouvinte algo que modifique a si ou a seus pensamentos.

Segundo Freitas, Souza e Magalhães (2006), a literatura infantil conduz e estimula o imaginário infantil, levando a criança a vivenciar as histórias que escuta. Ao contar uma história, o narrador deve atentar-se para comentar a história, aumentando a satisfação do ouvinte, mas não deve destacar mensagens ou interpretações, pois as crianças percebem a mensagem por si só e devem sentirem-se livres para interpretar.

Bettelheim (2004) concorda com tal exposto, trazendo a ideia de que não se deve contar a criança a razão pela qual um conto chama tanto a sua atenção, pois este deve ser compreendido somente por ela. Segundo o mesmo autor, “As experiências e reações mais importantes da criancinha são amplamente subconscientes e devem permanecer assim até que ela alcance uma idade e compreensão mais madura” (2004, p. 26). Assim, tais experiências devem manter-se inconscientes até que a consciência da própria criança consiga absorver tais experiências.

Segundo Nelly Coelho (2005 apud FREITAS; SOUZA; MAGALHÃES, 2006), por intermédio dos contos de fadas podem ser trabalhados valores essenciais à vida cotidiana, de forma prazerosa, o que pode promover maior absorção pelas crianças. De acordo com Freitas, Souza e Magalhães (2006), a criação de contos e histórias sempre tem base numa história no real, lidando com emoções no mundo da fantasia, a fim de auxiliar a lidar com conflitos na vida real.

Segundo Diatkine, as histórias lidas para as crianças antes de irem dormir lhes proporciona que sustentem mais o escuro, a separação de seus pais, o medo de perdê-los e de morrer, porém, pondera que para uma história ter essa função, ela deve ter uma estrutura diferente da usada no dia-a-dia, somente assim a história se faz eficaz contra essa angústia de separação (PETIT, 2012, p. 56).

Embora a tecnologia tenha um espaço importante no mundo atual, a literatura, e principalmente a infantil, tem a responsabilidade de servir como agente de formação. O texto se compromete a passar às crianças a consciência de mundo, e por conta disso, a literatura é a principal forma de ler e formar uma compreensão sobre o mundo (ANDRADE; COSTA, 2015).

## 2 AS HISTÓRIAS E O ESPAÇO POTENCIAL

Segundo Winnicott (1975), é esperado pelas mães que as crianças tornem-se apegadas a algum objeto e tal objeto será bastante considerado e valorizado por tal mãe. Há uma área intermediária entre a realidade interna e a realidade externa do indivíduo, designada sob os termos “objetos transicionais” e “fenômenos transicionais” destinada à experimentação e ao fantasiar (WINNICOTT, 1975). O objeto transicional é um objeto escolhido pela criança com a função de defender-se contra a ansiedade e contra situações desprazerosas, situando-se em uma “área neutra de experiência que não será contestada” (WINNICOTT, 1975, p. 28).

Os fenômenos transicionais instalam-se por meio da confiança do bebê na relação com a sua mãe, que, caso forneça um ambiente suficientemente bom e atenda às necessidades do bebê quando este demande, lhe proporcionará a experiência da ilusão, no qual o bebê alucina estar criando os objetos que a ele chegam (WINNICOTT, 1975). Sem este tipo de experiência o bebê não conseguiria desenvolver a competência de experimentar uma relação criativa com o mundo externo (SAFRA, 2005). É por meio da experiência de ilusão que emergem os fenômenos transicionais, numa tentativa de suavizar a angústia sofrida pelo bebê no momento da separação.

Essa área intermediária de experimentação pode ser chamada de espaço potencial e localiza-se entre a realidade interna e a realidade externa. A utilização deste espaço potencial é definida pelas experiências de vida pela qual o bebê experimenta através da disponibilidade de sua mãe. Este espaço potencial somente surge e fica disposto para utilização quando há um sentimento de confiança na figura materna e na sua disponibilidade. Sob condições positivas, este espaço é preenchido com os “produtos da própria imaginação criativa do bebê” (WINNICOTT, 1975, p. 141) e sob circunstâncias negativas, o uso dos objetos é inexistente ou incerto.

Segundo Winnicott (1975), este espaço potencial é onde a experiência cultural, o brincar e a experiência criativa se localizam, permitindo à criança interagir e conhecer a realidade de uma posição na qual ela se sente segura. Na condição de saúde, os objetos e fenômenos transicionais não são esquecidos, eles tornam-se difusos, espalhando-se por toda a área intermediária citada anteriormente, passando a ser percebido também no campo cultural.

Os objetos e fenômenos transicionais estão na raiz do processo de simbolização do sujeito, isto é, no processo em que o sujeito utiliza um objeto para representar um outro, que pode estar ausente no momento (FULGENCIO, 2011). Com o amadurecimento do indivíduo, o que antes era investido no objeto transicional passa a ser investido da vida cultural e na

relação com os demais, e assim, o espaço potencial entre o indivíduo e o meio é onde se localiza a experiência cultural (WINNICOTT, 1967/1975b apud FULGENCIO, 2011). Para Winnicott, a brincadeira conduz naturalmente à experiência cultural e através dela o indivíduo se permite ser criativo, podendo utilizar a sua personalidade integral de forma espontânea.

A brincadeira, segundo Winnicott, deve ser entendida como tendo uma potencialidade própria, não se limitando às crianças, mas estendendo-se aos adultos também (FRANCO, 2003). Isto por conta da noção de transicionalidade proposta por ele, em que o brincar ocorre num campo intermediário, “no encontro entre o mundo psíquico e o mundo socialmente construído” (FRANCO, 2003, p.47). Segundo Winnicott, o brincar é essencial para o ser humano, pois através dele, o indivíduo manifesta sua criatividade (WINNICOTT, 1975), além de que, no espaço potencial promovido pela brincadeira, o indivíduo também consegue sensibilizar os recursos disponíveis em sua personalidade, consegue utilizar e fazer manifestar todas as partes do eu de um modo criativo e espontâneo (FRANCO, 2003). É no brincar que os indivíduos, sejam adultos ou crianças, vivenciam um espaço potencial em que eles tenham liberdade suficiente para criar e criar-se e assim, colocar o si mesmo e a sua personalidade em contato com a experiência e com a realidade (FRANCO, 2003).

salto

Segundo Safra (2005), o espaço potencial fornece ao ser humano a habilidade de lidar com o mundo objetivo de modo criativo, propiciando um contato como mundo externo de maneira leve e saudável. Com um posterior desinvestimento no objeto transicional, a habilidade de experienciar fenômenos transicionais se espalhar por todo o campo cultural: no brincar, na religião, na arte, favorecendo que, através dessas áreas, o homem possa elaborar indagações do existir humano.

De acordo com Godoy (2007), a experiência cultural insere-se no ao longo das experiências humanas, que promovem a transição da realidade objetiva “para a realidade externa, compartilhada, histórica e social” (p. 99).

Ainda exposto por Safra (2005), agora com relação ao método de consulta, é fundamental que seja utilizada uma forma adequada de intervenção, que respeite as características da expressão infantil e que possa ser facilmente utilizada pelos pais da criança também. Segundo este autor, as histórias infantis contem todos esses aspectos, na medida em que através delas, podem se transmitir temas adequados ao momento maturacional da criança, de forma coesa com o seu modo de expressão. As histórias já são utilizadas no dia-a-dia da criança para elaborar angústias e experimentar o mundo.

“As histórias são um claro exemplo dos fenômenos transicionais, em que, no mundo do “faz de conta”, a criança procura aliviar as tensões decorrentes do contato da realidade interna com a externa, facilitando o desenvolvimento do ego e do sentido de realidade, pois constituem um fenômeno facilitador da capacidade simbólica.” (SAFRA,2005, p.34)

O uso da literatura infantil, seja por meio da contação de histórias ou por qualquer outro meio, propicia a criança o desenvolvimento do seu campo criativo e do seu intelectual, pois, mesmo que esta ainda não saiba ler, através das imagens e da contação, ela faz a sua história, e desse modo, abre caminho para novos conhecimentos (ANDRADE; COSTA, 2015).

Winnicott (s.d. apud PETIT, 2012) comenta sobre a beleza do pré-verbal, o que não é verbalizável, sobre a importância do manejo da criança, sobre o papel da mãe de cuidar e refletir para essa criança o que ela é, além de lhe transmitir segurança. A psicoterapia também pode ser vista como este lugar de cuidado e lugar de reflexão do que se realmente é. De acordo com Petit (2012), a leitura também se introduz neste lugar, pois o que a criança explora ou teme nas histórias muitas vezes é este ser inquietante e interessante que está dentro dela, e que se constrói e se mostra, por vezes, no encontro com uma página.

Em situações de crise, a leitura é uma via através da qual pode-se recuperar a experiência da criança, pois, encontrando-se num ambiente calmo, protetor, ela elabora suas questões por meio da leitura, se restabelece e se emancipa (PETIT, 2012). Segundo Freud, “a psique é extensa” e a literatura poderia se fazer vantajosa pois “ajuda a dar forma aos lugares onde viver, a se lançar e abrir caminho” (PETIT, 2012, p. 93).

Segundo Freitas, Souza e Magalhães (2006), “é a linguagem simbólica que media o imaginário e o real humano” (p. 9), sendo assim, a literatura infantil conduz e estimula o imaginário infantil, levando a criança a vivenciar as histórias que escuta. Ao contar uma história, o narrador deve atentar-se para comentar a história, aumentando a satisfação do ouvinte, mas não deve destacar mensagens ou interpretações, pois as crianças percebem a mensagem por si só e devem sentirem-se livres para interpretar.

Bettelheim (2004) concorda com tal exposto, dizendo que não se deve contar a criança a razão pela qual um conto chama tanto a sua atenção, pois este deve ser compreendido somente por ela. De acordo com o mesmo autor, “as experiências e reações mais importantes da criancinha são amplamente subscientes e devem permanecer assim até que ela alcance uma idade e compreensão mais madura” (p. 26). O conto, visto dessa maneira, pode tanto divertir a criança quanto ajudar a esclarecer aspectos sobre si mesma, promovendo o desenvolvimento de sua personalidade.

De acordo com Corso e Corso (2006), as crianças utilizam as histórias para elaborar seus dramas íntimos, do mesmo modo como antigamente era utilizado o mito, inserindo suas próprias questões na trama oferecida pela história. Para a criança, o modo como o conto repercutiu em sua subjetividade e como ele chegou até ela, são os pontos principais, isto é, se o conto surgiu por meio de um adulto, pode-se entender que a criança irá interpretar a mensagem do conto como sendo uma mensagem intencional do adulto feita para ela.

Uma questão bastante importante nas histórias infantis é que elas trazem temas importantes que não são abordados em outros lugares, como a morte, o amor, a separação e o abandono. Através da identificação com os personagens das histórias infantis, a criança encontra uma representação para as emoções que estava sentindo, e nesse quesito, os contos de fadas trazem muitas das temáticas da infância, como a rivalidade entre irmãos, angústia da separação, desafios do crescimento, medo e desejo de partir de casa, entre outros (CORSO; CORSO, 2009),

Segundo Corso e Corso (2009), precisa-se de histórias pois estas se mostram como espaço de sustentação e elaboração do que se “expressa para além da razão e da vontade” (s.p.), isto é, as histórias se fazem como espaço para as fantasias.

Quando em contato com diversas histórias, a criança também faz solicitações, e pede que sejam lidas determinadas histórias, além de demandar que brinque, interprete personagens da história juntamente com ela. Nesses casos, a interação entre criança e adultos, através da contação de história, pode atuar como um tipo de diálogo com o inconsciente (CORSO; CORSO, 2006).

Para Gustavo Martin Garzo, o indivíduo gosta de um livro na medida em que por meio de tal livro encontra-se uma parte de si que acreditava estar desaparecida, mas que por meio da história ressurge (PETIT, 2012). Para K. Brutin, "o encontro com o livro permite, nas situações de catástrofe psíquica, uma reconciliação com o mundo interior e revelá-lo a partir de representações culturais e artísticas".(PETIT, 2012, p. 113).

Segundo K. Brutin, as leituras realizadas a noite ou antes de dormir possibilitam projetar conflitos e desesperos em uma cena imaginária, entrando num mundo semelhante ao do sonho (PETIT, 2012).

Nesse mesmo raciocínio, as emoções são então um aspecto bastante importante que pode vir a emergir através das histórias. Diversas emoções são apresentadas por meio delas, como exemplo, raiva, tristeza, irritação, alegria, medo, entre outras, que variam de acordo com o modo como a narração é realizada e de acordo com cada criança que escuta a história,

sofrendo influência também da sua identificação ou não com determinados personagens (ANDRADE; COSTA, 2015).

## **2.1 O brincar e o espaço potencial**

Segundo Freud (1996), o escritor criativo escreve um texto com a capacidade de despertar e suscitar emoções que antes não eram percebidas ou nem se julgava ter. Freud faz ainda um paralelo da atividade imaginativa do escritor criativo com o brincar infantil, associando que neste a criança cria um mundo particular, transforma o mundo de uma forma que a agrada. A criança, neste brincar, embora projete emoção, reconhece que não é a realidade, mas gosta de associar o seu brincar a situações visíveis no mundo real. Desse modo, o escritor criativo, assim como a criança, “Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade.” (FREUD, 1996, p. 135).

As histórias infantis são ferramentas da imaginação da criança. O brincar infantil é revestido pela fantasia, e enquanto no concreto pode-se ver a criança realizando gestos e sons, no seu imaginário há todo um cenário e efeitos especiais que preenchem a cena. Com o crescimento, o suporte material que antes era fornecido pelo brinquedo como base para o fantasiar se transfere para livros, filmes, peças de teatro, entre outros. Segundo Freud “a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil” (1996, p. 141).

A atividade lúdica é um modo que a criança tem de tentar apreender alguns aspectos do mundo via experimentação, procurando antecipar questões que permeiam o mundo adulto. Segundo Corso e Corso (2009), as narrativas infantis desempenham o mesmo papel do brincar: as histórias se fazem como brinquedos verbais, as quais ela pode manusear e criar do modo como preferir, podendo antecipar papéis que ela imagina precisar desempenhar no futuro ou elaborar alguma questão já vivenciada. A história possibilita que as crianças pensem através delas, com personagens e situações ficcionais que demonstram questões e impasses pessoais seus.

Para Winnicott (1975), a brincadeira conduz naturalmente à experiência cultural e através dela o indivíduo se permite ser criativo, podendo utilizar a sua personalidade integral de forma espontânea.

A brincadeira, segundo Winnicott, deve ser entendida como tendo uma potencialidade própria, não se limitando às crianças, mas estendendo-se aos adultos também (FRANCO,

2003). Isto por conta da noção de transicionalidade proposta por ele, em que o brincar ocorre num campo intermediário, “no encontro entre o mundo psíquico e o mundo socialmente construído” (FRANCO, 2003, p.47). Segundo Winnicott, o brincar é essencial para o ser humano, pois através dele, o indivíduo manifesta sua criatividade (WINNICOTT, 1975 apud FRANCO, 2003), além de que, no espaço potencial promovido pela brincadeira, o indivíduo também consegue sensibilizar os recursos disponíveis em sua personalidade, consegue utilizar e fazer manifestar todas as partes do eu de um modo criativo e espontâneo (FRANCO, 2003). É no brincar que os indivíduos, sejam adultos ou crianças, vivenciam um espaço potencial em que eles tenham liberdade suficiente para criar e criar-se e assim, colocar o si mesmo e a sua personalidade em contato com a experiência com a realidade (FRANCO, 2003).

### 3 MÉTODO

A pesquisa foi do tipo qualitativo e, segundo Silveira e Córdova (2009), esse tipo de pesquisa não enfatiza a representatividade numérica, buscando, por sua vez, “explicar o porquê das coisas” (p. 32). Tal tipo de pesquisa procura destacar aspectos da realidade que não podem ser quantificados, enfatizando a dinâmica das relações sociais. Desse modo, “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001 apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32). A pesquisa qualitativa tem características como descrever, compreender e explicar os fenômenos, de modo detalhado, mostrando-se conveniente ao objetivo da pesquisa.

#### **Procedimento de coleta**

##### 1. Participantes

Três mães e/ou pais que contem histórias para seus filhos e que seus filhos tenham até seis anos de idade.

Critério de exclusão: pai, mãe ou criança com qualquer tipo de deficiência.

##### 2. Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram uma Ficha Sociodemográfica e uma entrevista semidirigida, ambos em anexo ao final do documento (ANEXO A e B, respectivamente).

##### 3. Procedimentos Éticos

Este estudo seguiu os princípios éticos em pesquisa com humanos, versando a proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes. Entendeu-se que é imprescindível que qualquer pesquisa envolvendo seres humanos seja submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa e que, após aprovação, foi realizada.

Sendo assim, o Termo de Consentimento (ANEXO C) versou informar o participante sobre os principais objetivos e procedimentos da pesquisa, além de informar sobre o respeito à privacidade, ao sigilo dos dados fornecidos por ele, riscos mínimos de sua participação e benefícios. Tal termo foi ser preenchido e assinado em duas vias: uma do participante e outra do pesquisador.

O projeto de pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética da instituição sob número 3.104.861. O parecer completo segue em anexo (ANEXO D).

#### 4. Procedimento de Análise

Realizou-se uma leitura psicanalítica. Foi feita uma análise de conteúdo através de categorias retiradas das entrevistas. Para elaborar as categorias de análise foram utilizadas duas fontes: parte das categorias emergiu do roteiro de entrevista e parte do relato das entrevistas. As categorias foram: familiaridade dos pais com a leitura, motivação do hábito, momento da leitura, tipos de histórias contadas: histórias “prontas” *versus* histórias inventadas, histórias como expressão de sentimentos, vínculo mãe-filho(a), linguagem, imaginação e informações sobre aquisição de livros.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 Dados da ficha sociodemográfica

	Participante 1	Participante 2	Participante 3
Idade	45	32	24
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino
Grau de Instrução	Graduação (Psicologia e Pedagogia)	Ensino Superior Completo (Design de Moda)	Ensino Médio Completo
Se alguma religião? Qual?	Católica	Não	Não
Você é:	Casada	Solteira	Casada
Você trabalha?	Sim	Sim	Sim
Quanto trabalha?	Até 6h/dia	Até 6h/dia	Até 10h/dia
Em que trabalha?	Professora de Educação Infantil	Produtora Cultural e Consultora Sustentável	Operadora de Caixa
Nº de filhos(as)	2 (J, 5 anos e G, 21 anos)	1 (S, 1 ano e 5 meses)	1 (E, 3 anos)

Do quadro acima tem-se que todas as entrevistadas foram do sexo feminino. A amplitude de idade teve a menor sendo 24 anos e a maior sendo 45 anos. Os graus de instrução variaram bastante pois duas entrevistadas tinham ensino superior e uma entrevistada tinha completado apenas o ensino médio. Entre as entrevistadas com ensino superior, a graduação não era a mesma: uma possuía graduação em Pedagogia e em Psicologia e a outra possuía graduação em Design de Moda. A única religião mencionada foi a católica, enquanto outras duas entrevistadas mencionaram não seguir qualquer religião. No que se refere ao estado civil, duas entrevistadas eram casadas e uma era solteira. O período de trabalho variou de 6h/dia à 10h/dia. As profissões também foram bastante diversas: professora de educação infantil, produtora cultural e consultora sustentável e operadora de caixa. A idade das crianças referidas para o estudo variou de 1 ano à 5 anos, sendo que somente a participante 1 tinha dois filhos.

## 4.2 Resultados e análise das entrevistas

As entrevistas foram conduzidas de maneira semidirigida, sendo assim, o roteiro não era rígido e puderam ser questionados outros aspectos, além do roteiro inicial, que se mostraram relevantes nas entrevistas. A partir do roteiro das entrevistas e do relato foram formadas categorias que serão apresentadas abaixo, juntamente com sua respectiva análise. As entrevistas completas constam no Anexo E.

### 4.2.1 Informações sobre aquisição de livros

Percebeu-se, num geral, que não há regra para aquisição de livros. Estes são adquiridos de acordo com o interesse da criança e/ou da mãe, disponibilidade financeira, entre outros motivos. Percebeu-se que os livros são bastantes utilizados antes de serem trocados ou adquiridos livros novos e também que a escolha do livro é feita pela mãe ou pela criança, reservando-se que no momento da leitura, a escolha é feita exclusivamente pela criança.

M aponta que não compra muito livro pois prefere usar bastante os livros que já adquiriu, para só posteriormente adquirir novos, estes sendo adquiridos em feiras de livro ou através do programa de incentivo à leitura do Banco Itaú:

“Ah, eu não compro muito, muito não, porque primeiro eu uso bastante aqueles, né, que ela já tem, e aí depois, quando ela enjoa mesmo, que eu compro outro. Peço aqueles do itaú, que é por ano né. Quando tem feirinha assim, que eu vejo que tem livro barato, eu vou lá e compro.” (M).

No que tange a escolha dos livros, a entrevistada traz que embora escolha alguns que deseja comprar, a maioria é a filha quem escolhe: *“Ela que escolhe. [Todos?] Todos não, alguns eu que escolho, mas geralmente é ela.”* (M)

Uma outra entrevistada apresenta a questão de aquisição de livros relacionada ao seu modo minimalista de ser, sempre ponderando muito antes de adquirir o livro físico, utilizando antes o meio online para conhecer o livro. Além de colocar a vista a questão monetária dos livros, pois, a literatura infantil possui um preço um pouco mais elevado. A mãe também esboça uma intencionalidade nos tipos de história que deseja adquirir para sua filha e menciona ter uma lista de livros que deseja adquirir futuramente, lista a qual recorre quando está pensando em adquirir livros novos:

*“Olha, eu não tenho uma frequência muito específica. Eu sou muito minimalista. Tipo, as vezes, eu leio primeiro online pra depois pensar em comprá-lo no físico, sabe, e aí eu penso muito se de fato é um livro que é bom ter ou não ou se eu só posso ler ele online. Então eu levo um tempo aí nesse processo, além da pesquisa de tentar encontrar livros mais em conta, que muitas vezes eu compro pela bienal ou pela amazon. Tipo, depende muito do momento, do livro, porque eu leio muito pela amazon, pelo kindle lá e eu faço esse processo tanto para mim quanto para a sofia. E querendo ou não querendo a biblioteca dela se baseia em mim. A partir do momento*

*que ela quiser fato a dela, a gente vai pensar e vamos reformular como a gente vai fazer isso, mas total tem um dedo meu ali, então de fato eu compro algo que eu acho que vai ser bacana, que eu gosto também, que eu acho que vai fazer sentido [por que tem algo que voce quer passar?] exatamente. Então assim, eu diria que pelo menos uns 6 meses nesse processo aí eu acho, entre comprar um livro e outro. E na verdade é porque eu vou guardando lista de livros que eu quero ler e aí eu vou primeiro passando pela fase do ler primeiro pra depois ver se eu vou querer comprar o livro físico ou não. Então acho que no mínimo uns seis meses ou mais. Depende do momento que a gente tá, se tá num momento mais tranquilo. Eu pesquisei muito antes de comprar e aí as melhores opções que encontrei são a amazon e a bienal, que são mais em conta porque livro infantil é muito caro.” (L)*

A última entrevistada traz uma maior liberdade no que diz respeito a aquisição de livros. Ela não traz uma sistemática para adquirir o livro, ficando a critério de sua filha escolher algum. Embora não escolha, mostra bastante interesse nos livros que a filha escolhe adquirir, ressaltando o perfil educativo de alguns livros:

*“É tipo assim, quando a gente vai no, por exemplo, centro de Osasco, a gente leva ela pra escolher algum. Às vezes, ela quer um caderno de desenho, uma canetinha, ou às vezes, ela pegue aqueles, tipo aquele ali, que tem historinha e também a parte pra desenhar, pintar, que vem quebra cabeça também pra recortar, [E ela que escolhe?] É, ela que escolhe. Sobre isso ela que escolhe, ela se joga mesmo. Até um tempo desse, ela tinha um da galinha pintadinha, eu não sei se você lembra, mas ela gostava muito da galinha pintadinha, e ela escolheu dois livros de lá, bem legal. Um que você vai clicando e ele vai contando a história, é bem educativo o livrinho e não é uma coisa, assim, cara, é uma coisa baratinha, o que? Uns 20 reais? É barato, porque tipo assim, ele é educativo, ele conta a história, conta musiquinha e tem alguns que vem com a canetinha pra você desenhar, tipo o outro que teve, só que ela estragou né, pra variar... (olhando pra Esther). Ela arrancou a capa, mas durou bastante. O bom é que dura bastante. Mas sim, é ela que escolhe as coisas assim que ela quer.” (C).*

Nesta categoria, percebeu-se algo que é bastante geral e comum às três entrevistas: há uma cultura de não adquirir muitas histórias e utilizar as que tem até que se esgotem ou apareça alguma história ou oportunidade interessante para se adquirir.

#### 4.2.2 Familiaridade dos pais com a leitura

M, mãe de J, traz uma perspectiva bastante interessante sobre o seu conhecimento e familiaridade com a contação de histórias. Ela conta com bastante gosto e emoção sobre seu passado com as histórias e o quanto aquilo significou para ela. Em seu relato, sua mãe e sua avó lhe contaram histórias quando era criança, compartilhando suas vivências, experiências, além de lendas e narrações, o que vai de encontro com o que é dito por Scherer (2012) no que diz respeito ao hábito da contação de histórias. Este apresenta que é um costume mais antigo em que os mais velhos contavam suas próprias histórias e experiências para os mais novos, contribuindo para que se conhecesse a história vivida por eles, além de passar-se valores e conhecimento daquela cultura (MATEUS et al., 2013; SILVA; GARCIA; SILVA, 2015). Para exemplificar: *“Tinha aquela coisa de se reunir numa fogueira, e os mais velhos contavam histórias para os mais novos, as vezes sem livro mesmo né? Contavam histórias do*

*passado... Nossa, minha vó contava também muita história pra gente, das coisas que ela viveu.” (M).*

Embora as histórias contadas por sua avó lhe trouxessem medo e receio, o contar histórias era valorizado pelos momentos em família que se passava:

*“Eu ficava morrendo de medo, mas era gostoso. Reunia as primas, as tias... Tinha essa tradição, só não era assim, né, com os livros, era com histórias dela. A minha mãe já tinha o hábito de pegar o livrinho e contar a história pra gente. E minha mãe também começou assim né, ela ouvia história da avó dela e aí foi passando né, de geração em geração. “. Além disso, percebe-se em seu comentário que o hábito de contar histórias foi algo passado de geração em geração, sempre da mãe para à filha.(M)*

Traz ainda que, para ela, a contação de histórias tinha outras motivações, como por exemplo, quando ela estava doente e sua mãe lhe contava histórias, incluindo uma que esta não esquece “Chiquita esperando a chuva passar”. M apresenta esta fase de sua vida bastante emocionada “Nossa, tem uma que eu não esqueço, que chama “Chiquita esperando a chuva passar”. Ah era muito linda essa história, me marca, marca muito minha infância e toda vez eu lembro dela contando essa história pra mim.” (M).

L, mãe de S, traz uma questão bastante diferenciada sobre a sua experiência anterior com a contação de histórias. Aponta que não teve esse hábito em casa, somente depois, através das leituras que a escola priorizava, além de ter sido nesta época que encontrou um livro do qual gostou e que foi quando iniciou sua paixão pela leitura:

*“eu não tive esse hábito. Eu fui adquirir esse hábito pra leitura, essa coisa da história na escola mesmo, que as pessoas começam a mandar ler livro e quando eu achei um livro que de fato eu curti, eu comecei a pegar o gosto e comecei a procurar livros que tinham esse perfil que era o que eu percebi que gostava e aí foi quando eu comecei a desenvolver meu hábito, minha paixão né, pela leitura.” (L)*

Respondendo a pergunta diretamente, diz que sua familiaridade com a leitura se deu por meio do SESC, o qual frequentava desde pequena por conta das atividades para crianças. Conta ainda que, durante a gravidez, imaginava o SESC como sendo o melhor lugar para frequentar quando a S nascesse.

*“Na verdade, é porque eu sempre frequentei muito o SESC e sempre vim muito nas atividades para criança. Então, assim, de fato, eu fui ter mais contato mesmo durante a gravidez, que eu comecei a ler um pouco mais...Eu sempre gostei muito de criança, então eu sempre fui muito de ver o que tava rolando, o que tava acontecendo, então, assim, com a maternidade, eu já sabia que o melhor lugar pra mim com a S seria o SESC, né?” (L)*

Embora em momentos diferentes e de maneiras diferentes, os dois relatos acima mostraram uma relação prazerosa e satisfatória com a leitura e com a contação de histórias, antes mesmo de inserir o hábito com seus filhos.

Uma das entrevistas destacou-se neste aspecto, pois sua familiaridade ia de contraponto ao que as outras entrevistadas disseram. A mãe de E, relatou não ter familiaridade com a leitura e que, inclusive, a leitura lhe dava sono, porém, que esta é uma atividade considerada importante para E, uma atividade para os pais interagirem com a criança: *“assim... Ler me dá sono, não vou mentir, me dá o maior sono (risos), mas é um jeito que a creche acha, inclusive eu acho bem legal, de nós [os pais] estarem interagindo com a criança, de estar ali mais junto com elas.”*(A).

Por meio desta categoria foi possível o entendimento de que a familiaridade com a contação de história se deu de diversas maneiras para cada uma das entrevistadas. Uma delas relatou a questão da contação de histórias como uma tradição passada de geração em geração por sua família, de um modo bastante clássico, como o apresentado por Scherer (2012), de que havia esse costume em que mães, pais, avós, reuniam a família e contavam suas histórias, compartilhando suas vivências com o coletivo, e dessa forma, como encontrado na literatura (MATEUS et al., 2013; SILVA; GARCIA; SILVA, 2015), se era transmitido a cultura e os valores, principalmente às crianças e aos jovens.

Outro fator que influencia o contato com as histórias é o ambiente escolar, conforme citado por outra entrevistada. Ela diz ter tido contato mesmo com a leitura na escola, corroborando o que é dito por Scherer (2012), de que o costume de contar histórias é mais frequente no ambiente escolar. Porém, de acordo com o que foi relatado pela entrevistada, a leitura tornou-se um hábito e uma paixão para ela, quando esta encontrou um livro do qual o seu conteúdo foi importante para ela, lhe conferindo identificação com alguma parte da história.

O último relata destaca-se por não haver uma familiaridade com a história mas por valorizar o hábito de contar histórias pois enxerga-se neste uma forma de interagir com a criança, o que também é dito por Scherer (2012), ao trazer que o momento de contação é um momento bastante particular entre pais e filhos, que oportuniza interação e diálogo, além de favorecer um acompanhamento do desenvolvimento da criança.

#### 4.2.3 Motivação do hábito

Procurou-se investigar o motivo inicial que fez os pais darem início ao hábito de contar histórias e, assim, percebeu-se que os motivos são bastante variados e bem particulares do perfil de cada mãe entrevistada. Uma delas traz a questão de saber, por conta do meio acadêmico, a importância da contação de histórias para as crianças, aplicando isso em seus alunos e também à sua filha, quando esta nasceu:

*“Ah, então, isso já veio porque eu fiz o magistério né e no magistério a gente aprendeu que a história é muito importante pra criança, né, que tem tanto estudo... E aí a gente aplica isso, eu aplico isso pros meus alunos na escola e eu vejo o quanto é importante e aí depois que eu tive a J. eu resolvi contar pra ela também.” (M).*

Outro relato traz a importância da história no que diz respeito a imaginação e a valorização de ser criança, com seus sentimentos e sua liberdade. O relato em questão também aponta para um reconhecimento futuro da importância da contação de histórias para a criança que escuta: segundo a mãe, a contação é algo que, mesmo adulto, a gente não esquece; além de ser também um resgate desse lado criança por quem conta a história:

*“Olha, porque eu acho, eu vejo que é uma forma da criança criar esse hábito, de trabalhar nesse lado criativo dela, da imaginação, da estimulação, que eu acho super importante, acho que a gente... a sociedade já poda desde que a gente é criança, dizendo isso é coisa de menino, isso é coisa de menina, porque, assim, por exemplo, o bebê menino pode chorar quando ele é bebê, mas a partir de 1 ano, 2 anos, vai virar pra ele e começar a falar “não, você não pode chorar porque você é homem”. Então, assim, eu acho que a criança já cresce sendo tão podada, sabe, e eu acho que é importante cultivar esse lado da imaginação, isso é tão rico pra elas, e eu acho que isso a gente lá pra frente, pra quando a gente for adulto, da gente não esquecer. E eu também acho que isso é um resgate pra gente, desse lado assim, desse lado criança, desse contato, assim, eu acho muito importante.” (L)*

Um outro relato traz a motivação para a contação de histórias como sendo uma das oportunidades de fornecer uma atenção mais integral à sua filha, em contraponto à relação que tiveram com seus pais. Neste relato, também percebe-se que a contação de história foi uma solicitação feita pela própria criança, e que a família abraçou o assunto:

*“Não, eu gosto, porque assim, como a gente fala, a gente só quer ter um filho, então a gente quer dar o que a gente teve e o que a gente não teve, tipo de poder pagar mais pra frente uma faculdade, e se ela quiser a gente tenta ajudar ela de todos os jeitos. Dar mais atenção pra ela de todas as maneiras, brincar com ela, entendeu? A gente não quer tipo deixar ela no canto e fazer o que quer, como muitas mães hoje em dia fazem. [e na contação de histórias você vê isso de fornecer mais atenção e recursos pra ela?] Sim, sim! Então você iniciou a contação de histórias por interesse dela, né? Sim. E o que te faz manter? É porque ela gosta, é um interesse dela. Como eu te falei, o que ela mais gosta de ganhar é um livro. Se ela ganhar um livro agora, ela vai pegar o livro e vai falar pra mim “senta aqui agora, vamos ler esse livro”. Aí a gente começa a contar e depois ela conta. Ela gosta bastante.” (C)*

Percebeu-se que cada entrevista mostra uma motivação diferente para o hábito de contação de histórias. A primeira entrevistada aponta ter aprendido sobre a importância da

contação de histórias através de seu magistério, sendo assim, acredita-se que sua motivação tem um fundamento mais teórico, baseado em termos da pedagogia.

A segunda entrevistada apresenta que sua motivação para a contação de histórias se faz por poder, através do hábito, possibilitar o lado criativo de sua filha, da imaginação e da estimulação, permitindo o contato e a elaboração de alguns sentimentos, que ela diz serem aspectos podados pela sociedade atualmente. O hábito de contar histórias como forma de trabalhar a imaginação da criança e seu lado criativo é bastante citado pois a contação de histórias favorece o desenvolvimento da criatividade, além de trabalhar como imaginário infantil, imaginando e construindo relações com o mundo e consigo mesmas (ARAUJO, 2009 apud SILVA; GARCIA; SILVA, 2015), bem como o contato com sentimentos e emoções, como é trazido por Andrade e Costa (2015).

A última entrevistada aponta que o hábito de contar histórias se iniciou e se mantém por conta de um interesse demonstrado pela sua filha, e que ela vê o mesmo hábito como um momento de interagir e prover atenção integral a sua filha.

#### 4.2.4 Momento da leitura

Esta categoria busca apresentar características do momento da contação de histórias, desde seu início até o seu término. Percebeu-se que é comum utilizar a contação de histórias como recurso para ajudar no momento de colocar as crianças para dormir, visto que, 2 das 3 entrevistadas disseram realizar a contação de histórias neste momento.

*“Normalmente é quando a gente tá perto do horário de dormir, que daí a gente fica pelo menos 1 hora alí porque ela demora um tempinho pra dormir, e aí é o tempo dela começar a desacelerar, esse processo. Daí ela vai se acalmando, e aí às vezes eu leio uma, duas, três, quatro, cinco, seis (risos) e aí de fato ela vai pegar, às vezes ainda demora um pouquinho, mas geralmente é pra ajudar nesse processo de desacelerar da noite. Às vezes ela pega também, quando ela volta da escolinha, quer ler um pouquinho mas é rapidinho. Não fica assim uma quantidade de tempo grande como é na hora de ir dormir.” (L).*

Aqui percebe-se que a contação de histórias é fortemente utilizada para proporcionar um momento mais calmo para o sono, preparando a criança para dormir, desacelerando-a, contando quantas histórias forem necessárias para proporcionar esse momento. É dito que a contação de histórias também pode vir a ocorrer em outro momento também, mas que este não é visto como foco.

No relato de outra entrevistada, percebe-se que a contação de histórias também ocorre neste momento de ir dormir, mas que, mais do que ser foco de preparar a criança para o sono, ele também vem como um momento de aproximação entre as duas:

*“E aí toda noite, antes de dormir, já é hábito já, ela tem a gavetinha dela lá, cheia de livro, ela adora, ela já vê como uma coleção de livro mesmo e quando ela vê feirinha de livro, ela procura mais porque ela quer colocar mais na gaveta. E aí a gente conta. Eu peço sempre pra ela escolher a história e eu conto toda noite pra ela dormir. E é legal também esse contato né, da gente tá junto, é um momento nós duas ali, eu acho muito importante e ela gosta bastante.”(M).*

Vê-se que neste caso, a contação de histórias ocorre antes de dormir e que mãe em questão também vê essa contação como um momento de aproximação com a filha, mostrando gostar muito de realizar tal hábito.

Saindo desta utilização do hábito no momento de dormir, o relato de uma das entrevistadas aponta que sua contação não está relacionada com o momento de dormir e acontece de modo mais espontâneo, a qualquer hora do dia, principalmente quando a criança solicita:

*“Nosso momento... Tipo, assim, quando vem os livrinhos da escola, o que que a gente faz? A gente senta no colchãozinho aqui no chão, ela senta do meu lado e eu conto pra ela, aí depois ela pega e conta pra mim. Aí depois, quando o pai dela chega, conta também pra ela e faz a mesma coisa, entendeu? Depois a gente desenha. Mas quando não tem esse da creche, ela pega o livrinho, ela começa a contar pra gente, ela pede pra gente contar pra ela. **[E tem algum momento específico do dia?]** Não, é a hora que ela quer mesmo. Quando ela quer, quando ela pede.”(C) .*

Aqui percebe-se que há um ritual com relação ao momento da contação: elas sentam no colchão, uma conta a história para a outra, o pai conta a história para a filha e depois realizam um desenho. Embora a contação ocorra sem que haja um momento específico, ela tem esse padrão.

Nesta categoria, percebeu-se que a contação de histórias tem seu foco no momento de colocar as crianças para dormir, e a leitura neste momento é vista como fundamental pois é um momento em que pais e filhos podem compartilhar experiências Scherer (2012), além de que a leitura neste momento contribui para que as crianças suportem o escuro e a separação dos pais, promovendo um momento mais calmo e tranquilo para o sono, tais leituras também promovem a criança projetar seus conflitos em uma cena fantasiosa, adentrando assim, em um mundo semelhante ao do sonho (PETIT, 2012).

#### 4.2.5 Dramatização

Um aspecto também investigado sobre o momento da contação era se era realizada algum tipo de dramatização.

*“Ah, sim, eu gosto de contar dramatizando pra chamar mais a atenção. Eu gosto de contar assim, dramatizando, e quando ela vai contar agora, é engraçado, porque também a gente percebe que ela tenta dramatizar o negócio. É interessante. Mas é, eu tento dramatizar pra chamar mais né, porque a gente percebe que às vezes, só lendo não chama tanto, parece que a criança se dispersa mais, e aí você contando com aquela ênfase, assim, ela se interessa mais. Colocar a emoção, o afeto na hora de contar a história é bem legal.” (M).*

Neste relato, percebe-se que a dramatização é utilizada como uma forma de chamar mais a atenção da criança para a contação. É um ponto interessante a entrevistada utilizar as palavras “emoção” e “afeto” ao tratar da dramatização das histórias, pois são aspectos possíveis de serem despertados por meio da contação de histórias.

Num outro exemplo, a mãe traz que há uma certa complexidade em realizar dramatizações das histórias:

*“Às vezes sim, às vezes não. Depende da história... Eu meio que sempre tento elaborar alguma coisa, tipo, a do lobo todo mundo sabe que tem que assoprar a casa (risos), a da chapeuzinho vermelho a gente sabe também o que fazer, tem algumas mais fáceis pra gente interagir e tem outras que não é tão fácil assim... Mas ela, ela é bem teatral mesmo. [Quando ela conta a história, também é nesse estilo teatral?] Conta, conta desse jeito.” (C).*

Aqui, a mãe diz realizar as dramatizações mas sempre pelo que já está indicado na histórias, tendo dificuldade em elaborar por si só tais dramatizações, ao passo que, sua filha, entretanto já mostra esse lado mais teatral ao contar para ela às histórias.

Por outro lado, quando a contação de histórias é mais voltada para a preparação para o sono, brincadeiras e dramatizações são mais esporádicas:

*“Ah, a gente dá uma brincadeira ali, assim e tals, como eu disse, é um momento em que eu procuro desacelerar ela, então procuro uma brincadeira mais calma, mais simples, não tipo muito agitada, porque se não, não vai funcionar da forma que era pra funcionar de fato.” (L).*

O ponto principal desta categoria é que tanto criança quanto adulto mediador podem utilizar da história para projetar seus dramas e conflitos e, o brincar e o dramatizar durante a contação de histórias entraria um pouco nessa parte, nessa solicitude quando em contato com a contação de histórias, e deste modo, brincando e interpretando personagens, pode entender-se a contação de história como uma ferramenta que contribui para haver um diálogo com o inconsciente (CORSO; CORSO, 2006).

#### 4.2.6 Tipos de histórias contadas: histórias prontas versus histórias inventadas

Nesta categoria percebeu-se que os pais utilizam-se muito mais de histórias prontas do que de histórias inventadas ou próprias no hábito de contação de histórias para seus filhos. Os tipos de histórias mostraram-se bastante variados, incluindo contos de fadas, gibis, narrativas, histórias específicas para ninar, entre outras.

##### **Histórias prontas**

A variabilidade histórias pode ser demonstrada no relato de C, que apresenta diversos tipos de narrativas utilizadas na contação de histórias para sua filha: “*Ah, o que ela gosta mais, assim, são os contos de fada, como você pode ver ali, o do cascão, o do mágico de Oz, são bem diversas.*” (C).

Entre as histórias prontas, percebeu-se através do relato de M, uma vontade de contar mais contos de fada, porém sua filha não demonstra tanto interesse e M procura respeitar essa vontade da filha:

*“Então, contos de fada ela já não se interessa muito, mas quando ela era menorzinha, eu contava sim. Tem alguns contos de fada que eu falo “ah, a mãe vai contar esse, ta?” e ela aceita, mas geralmente ela quer de terror, que tem monstro, ela adora. Aí tem outras historinhas que ela gosta muito, tem a do Gildo.[...]E ela gosta mesmo desses de monstro, mas nossa, como ela gosta dessas historinha? Por que será? (risos) Ela viaja. Gosta dessa do Gildo e de alguns outros bichinhos que ela se interessa, do cachorrinho, do coelhinho, ela gosta.[...] **Aparece alguma coisa que o personagem tem que superar?** Sim, que tem que superar, ela gosta bastante. É isso mesmo. Ela gosta de heróis também, de histórias que tem heróis, e tem desafio também, né? Ela ADORA essas histórias, ela tem algumas, sim. Ela gosta de ser a princesa, mas a princesa que luta, não aquela princesa que fica esperando o príncipe, não. É aquela que vai a luta e ganha a batalha.” (M).*

Aqui mostra-se quais histórias a criança tem mais interesse, além de contar um pouco sobre o enredo de superação de conflitos das histórias escolhidas pela criança.

O relato de outra mãe traz histórias mais focadas no preparo da criança para o mundo, trazendo, principalmente a questão do empoderamento feminino:

*“As histórias que eu comprei no começo são mais tipo, é... preparando ela para esse mundo, do tipo falando sobre ser mulher nessa sociedade, de conhecer as mulheres da nossa história, de ver o quanto é importante conhecer a história das mulheres que vieram antes da gente, entender que a gente não tem que ser aquela mulher tradicional, que a gente pode ser a gente... As histórias que eu escolhi pra ela tem muito um foco no empoderamento, de encorajar a ser ela mesma, desenvolver o lado emocional que é importante, sabe, que por exemplo, o medo faz parte e não é uma coisa que a gente tem que podar porque ele tem que existir, não podar os nossos sentimentos, não guardar emoções, eu acho que mais ou menos isso seria tipo a base das histórias que eu escolho pra contar pra ela, do que eu quero passar pra ela.” (L).*

Percebe-se um desejo muito grande da mãe de escolher histórias que mostrem a liberdade de se ser quem é, voltadas ao empoderamento, a liberdade e ao engajamento em ser quem é, incluindo o desenvolvimento do lado emocional. É bastante clara a intencionalidade da mãe nas histórias escolhidas, tornando explícito o que ela deseja passar a sua filha.

### **Histórias inventadas ou próprias**

No que diz respeito às histórias inventadas ou próprias, percebeu-se que este tipo de história é mais difícil de ser utilizada, ficando a escolha dos pais próxima das histórias prontas. Uma das entrevistas conta que, embora utilize mais as histórias prontas, já houve momentos em que contou histórias inventadas e histórias próprias e que, nesses momentos, a criança atentava-se à história, elaborava perguntas e parecia interagir mais:

*“É mais pronta mesmo, inventada dificilmente. Mas já aconteceu, já aconteceu de contar história inventada e história que eu já vivi mesmo, mas é mais raro, geralmente é a história pronta mesmo. [E como é a interação de quando a história é inventada?] Ah, é bem legal, também, ela fica bem atenta, prestando atenção. Fica ali no olho no olho né. Ela quer interagir, ela pergunta mais, parece que ela interage mais.”(M).*

Neste mesmo relato, um fato interessante é que, quando a contação de histórias é realizada pela mãe, esta prefere as histórias prontas, mas quando é realizada pelo pai, este prefere inventar as histórias: *“Só que o H. (pai) prefere contar história inventada. Ele já gosta de contar coisas que aconteceu na infância dele, na vida dele, pra ela. Ele já gosta de inventar, mas ele já contou com livro também. E ela gosta do mesmo jeito.” (M).*

Um outro relato mostra que a mãe não faz um momento de histórias sobre si, mas diz que inclui muito de si nas histórias que conta:

*“Olha, eu acho que, quando eu falo muito das histórias, eu sempre falo muito de mim, lembro de algo relacionado a mim, principalmente quando eu conto das mulheres extraordinárias ou por exemplo, o livro que fala da, do livro que fala das histórias de ninar para garotas rebeldes, tem vários fatos ali dentro que me lembram de várias coisas minhas, então eu vou emendando com as histórias, falando uma coisa ou outra minha, assim, de dentro das histórias, e eu acho que esse é o caminho.” (L).*

No terceiro relato, a mãe apresenta que a invenção de histórias fica por conta de sua filha, que inventa fazendo ligação entre histórias e incluindo dados de sua realidade, como sua família:

*“Não, são mais as historinhas prontas mesmo. Eu inventar história é muito raro, ela que inventa a história às vezes. Ela começa a contar, vamos supor, eu tô contando a história da fada, aí ela já inclui o mágico de Oz e vai inventando um monte de coisa. “Aí minha vó foi lá e pegou não sei o que”, aí ela já coloca a avó, coloca o nome do meu pai, e vai inventando assim, sabe.” (C).*

A categoria apresenta um aspecto que se mostrou comum e similar nas entrevistas: no que diz respeito ao tipo de história contada, é unânime que isto ocorre com as histórias

prontas, sendo as histórias inventadas ou próprias contadas muito raramente ou não utilizadas mesmo. Isto pode ser compreendido como um reflexo da desvalorização do hábito de contar histórias no que diz respeito a transmitir valores e a cultura, como era feito mais antigamente, sendo passado de geração em geração, e que foi perdendo espaço, seja para a tecnologia seja para outras formas mais diretas de transmissão de cultura.

#### 4.2.7 Histórias como expressão de sentimentos

Percebeu-se ser comum a todas entrevistas o aspecto de fixação em determinada histórias e/ou procura espontânea e solicitação por determinada história. No que diz respeito a contação de histórias ter influenciado ou não na expressão de sentimentos, tal aspecto não é tão fortemente referenciado, sendo citado mais fortemente por M. A utilização do enredo da história e de seus personagens também foi algo não tão esboçado pelas entrevistadas.

A mãe de J referencia que ela sempre expressou-se bem, nomeando sentimentos desde pequena e tal aspecto é apresentado como ocasionado pela contação de histórias:

*“Ela sempre expressou muito bem, falando bem, eu acredito muito que foi por conta desse hábito aí da leitura mesmo. Desde pequena ela começou a nomear os sentimentos e pra mim tem tudo a ver com as historinhas.” (M).*

No que tange a expressão de sentimentos, é relatado que a criança ficava mais emocionada com a contação de histórias quando era mais nova, porém, ultimamente não é percebido mais este aspecto, sendo o sentimento de medo mais visível agora, segundo a mãe, por conta das histórias que a criança solicita serem lidas:

*“Quando ela era menor, já aconteceu de ela ficar emocionada com a historinha. De eu olhar assim pra ela e o olhinho estar cheio de lágrima, teve sim. Mas quando ela era menor, ultimamente não, não cheguei a ver... mas também, as histórias que ela tá escolhendo agora, de terror.. né, grande emoção, emoção de medo (risos). Só se ela chorar de medo.... Não é como aquelas histórias de contos de fada que tem aqueles momentos tristes, né. Acho que deve ser isso. Quando ela era menorzinha eu contava, ela se emocionava, sim, vendo filme também.” (M)*

Outra entrevistada trouxe que não percebe expressão de sentimentos em sua filha decorrentes da história, justificando isso por ela ser muito nova ainda, porém supõe que num futuro isso talvez aconteça: *“Então, ainda não cheguei muito nessa ainda não, acho que mais pra frente talvez.”*. Tal comentário referia-se mais às histórias com temáticas tristes, e quando questionou-a sobre como ficava quando em contato à histórias ditas felizes, sua mãe traz que a criança fica feliz e exaltasse a ponto de aplaudir: *“Fica feliz, fica contente. Bate palma até no final, se você fala que acabou ela já bate palma.” (L).*

No que tange a utilização da história, exibindo identificação com enredo e personagens, L apresenta a história de um coelho que sua filha gosta muito:

*“Olha, assim, ela gosta muito da história do coelho porque ela gosta muito de coelho [...] e ela gosta de ficar carregando ele, ela nina ele, então eu acho que pode ter relação aí. [E como é esse coelho na história?] Então, é um coelho que não consegue dormir e aí a mãe dele tem a ideia de levar ele num cientista, mago que ajuda as pessoas a dormirem, que faz qualquer pessoa dormir e aí ele dá uma poção para ajudá-lo a dormir e ele volta pra casa e consegue dormir. Essa é uma das histórias favoritas dela.” (L).*

Aqui é interessante notar que a mãe conta que tal história é uma das favoritas de sua filha e que, correspondendo ao enredo da história, o que ela faz com seu coelho de pelúcia é a resolução do conflito da história, ninando o coelho. Além disso, vale notar que o foco da contação de histórias para sua mãe é o de prepará-la para dormir, logo, ela mostrar preferência por tal história pode ser um reflexo da situação na qual a história é contada.

C, mãe de E, relata que a filha não demonstra sentimentos na contação de histórias, porém, em relação a utilização do enredo da história e identificação com personagens, ela apresenta que a filha diversas vezes se recorda de alguma história e diz assemelhar-se com algum personagem de maneira bastante lúdica:

*“Ah, ela brinca muito. Por exemplo, quando eu vou dar banho nela, ela pega a toalha, põe na cabeça e fala que é a chapeuzinho, aí às vezes ela vai no banheiro e fala assim “mãe, oh, agora eu sou o peixinho, você lembra da história do peixinho?” [E qual é mesmo?] Ah, do bichinho teimoso, é um peixinho.” (C).*

No que tange a influência da contação de história na expressão de sentimentos, a mesma entrevistada diz não ter influência da contação de histórias na expressão de sentimentos de sua filha, considerando que esta sempre expressou-se muito bem, atribuindo bastante influência a inserção da creche na rotina de sua filha:

*“Não, sei lá, ela se expressa bem, não sei, assim, acho que em todos os sentidos a creche ajudou muito porque, hoje em dia, ela passou a falar muito mais por conta da creche. Muitas coisas ela faz mais por conta da creche, porque a gente não tem muito tempo, a gente trabalha muito. Às vezes, a gente chega e só quer descansar. A gente tenta ter alguma troca com ela, mas as vezes, não dá.” (C).*

Vale ressaltar que a creche é bastante marcada para esta mãe em questão por realizar a atividade de contação de histórias e solicitar a mesma atividade em casa, também.

A mãe de J apresenta uma história que esta sempre pede para ser contada à ela, a história do Gildo:

*“Nossa, essa historinha do Gildo toda vez ela quer que eu conte pra ela, ela gosta muito. O Gildo tinha medo de bexiga. Ele não tinha medo de nada, mas quando*

*convidava ele para um aniversário, ele ficava apavorado, nem dormia à noite por causa do pavor de bexiga. Nossa, ela gosta tanto dessa história (risos). É uma das preferidas dela.” (M).*

Aqui pode-se pensar que esta história apresenta algum aspecto com o qual J tenha se identificado, razão pela qual ela gosta tanto da história e solicita que esta seja lida tantas vezes. Exemplificando este aspecto, a mãe conta que a criança, por vezes, diz assemelhar-se com o personagem principal da história: *“Tem a do Gildo, que as vezes ela fala assim “ah, mãe, hoje eu tô igual o Gildo, quando estoura essas bexigas”. Ela já comentou sim, quando estourou bexiga, né, de ela lembrar do personagem.” (M)*

Um dos sentimentos suscitados pela contação de histórias foi o medo, conforme aparece no relato abaixo:

*“Medo aparece, tem uma lá que ela nem quer mais que eu conte. Chama “Mamãe virou monstro”. É interessante esse livrinho, eu já conhecia e achava legal, aí comprei pra ela lá na feira do livro da USP e ela não quer saber mais do livro. Esse aí realmente causou medo nela. Eu li uma vez só e ela nunca mais quis saber do livro, tá lá só. Foi o único assim que eu percebi que ela ficou com medo. Acho que ela ficou com medo de que eu ia virar monstro também (risos). Sei lá eu, vai saber o que que passou pela cabeça... Sei que ela nao quer mais que eu leia, não.” (M).*

Aqui tem-se uma história que suscitou o sentimento de medo na criança, de tal modo, que a criança prefere evitar que tal história seja lida. Sua mãe mesmo indaga-se sobre a razão para tal medo, questionando se a criança sentia medo de que ela (a mãe) viraria um monstro, igual acontece na história.

Alguns aspectos emergiram no que diz respeito ao uso das histórias feito pelas crianças. Um primeiro aspecto que apareceu em todas entrevistas é a fixação e procura espontânea por determinadas histórias. Segundo Corso e Corso (2006), essa busca e fixação, juntamente com solicitações para brincar e interpretar personagens, podem desempenhar uma forma de diálogo com o inconsciente e com o imaginário da criança. A fixação em histórias pode estar relacionada, também, com a identificação da criança com a história e/ou com algum personagem (como apresentado por C durante a entrevista), e a história é vista como uma oportunidade para trabalhar tal aspecto ou tal conflito.

No que diz respeito a expressão de sentimentos, Andrade e Costa (2015) apontam, assim como também é apontado por meio das entrevistas, que diversas emoções podem ser apresentadas e sentidas por meio das histórias. Alguns sentimentos citados nas entrevistas foram: medo e alegria. Tais sentimentos podem variar de acordo com cada criança que escuta a história, bem como através de sua identificação ou não com algum personagem, e sendo assim, a literatura infantil se faz como um recurso através do qual as crianças podem projetar

seus conflitos emocionais, seja utilizando o enredo da história para elaborar alguma questão, como a história do Gildo (apresentada por M) ou do coelhinho (apresentada por L) ou também para afastar-se de alguma questão, como a “mamãe virou monstro” (apresentada por M), em que a criança prefere não entrar em contato com tal história.

#### 4.2.8 Vínculo mãe-filho(a)

Tal categoria busca apresentar se, de acordo com a visão dos pais, o hábito de contar história influenciou de algum modo o vínculo entre eles e o(a) filho(a). De imediato, todos os relatos se mostraram positivos a tal afirmação, ora falando sobre a importância de tal hábito com seu(a) filho(a) ou sobre a importância da contação de histórias no geral.

*“Ah, eu percebo que melhorou sim. Acho que esse momento é muito importante, penso que todas as mães deveriam ter esse momento com o filho, coisa que não acontece, né? É uma pena né, porque é um momento que você tá com mais contato, se você trabalha o dia todo, é um momento só pra vocês duas. Eu acho muito importante, e muda a relação, você fica mais próxima, é importante sim esse momento. A história une mais. Acho que toda a família deveria ter esse hábito.” (M).*

Em seu relato, M traz que a contação proporcionou uma melhora do vínculo com sua filha, acrescentando que é um momento de mais contato entre mãe-filha, principalmente para os pais que trabalham o dia todo. Segundo ela, este é um momento que proporciona uma aproximação entre mãe e filha, acrescentando que tal costume deveria existir em todas as famílias.

Num outro relato, embora a mãe não relacione diretamente a contação de história como tendo influência positiva sobre sua relação com sua filha, ela menciona que as duas são bem próximas:

*“Ah, muda muito, porque eu e a E, se você para pra ver, nós somos muito próximas, não sei se é por isso, porque tem vezes que ela não quer ir pra creche e quer ficar comigo. Então eu não sei se é por conta disso, mas eu sinto que a gente fica mais próxima. [E você acha que o seu vínculo com ela tornou-se mais forte, mais fraco...?] Eu acho que cada dia tá fortalecendo mais, acho que faz parte da nossa rotina já e cada dia fortalece mais, acho que é isso.” (C).*

Aqui percebe-se que a mãe não assume diretamente a influência da contação de histórias na sua relação com a sua filha, mas acredita que a relação entre as duas é forte e que cada dia se fortalece mais.

Um outro relato associa o vínculo construindo através da contação de histórias com o momento futuro do desmame na hora de ir dormir:

*“Eu percebo assim, pelas que não tem esse hábito, que às vezes o horário de dormir é bem mais difícil, mais complicado, né, e aí ou é só um vínculo com o peito, né, e aí você pensa como vai ser depois, porque elas não criaram vínculo e eu acho que a gente já tá nesse processo do vínculo pós, pra quando ela parar de mamar. Acho que tem essa diferença de quem tem o hábito e de quem não tem o hábito. (L).*

É bem interessante isto que esta entrevistada traz pois ela compara sua experiência com a experiência de mães que não tem tal hábito, mostrando que para estas, o horário de ir dormir é mais complicado, pois a criança tem um vínculo somente com o peito e que ela já entende estar neste processo, de formar um vínculo com sua filha além do vínculo com o peito, já a preparando para ela parar de mamar, possibilitando que o vínculo exista para além do momento da amamentação.

Aqui tem-se que a contação de histórias possui uma influência positiva sobre o vínculo formado entre mães e filhas. É citado que a contação de histórias auxilia no fortalecimento do vínculo, promovendo interação e diálogo, sendo valorizado inclusive como um momento para os pais que trabalham o dia inteiro terem esse contato com o filho. Essa influência da contação de história sobre o vínculo na relação pais-filhos é exposto por Botini e Farago (2014), que apresentam a ideia de que a leitura quando realizada dentro do ambiente familiar pode ser agradável, o que auxilia no fortalecimento do vínculo entre pais e filho. Corroborando os relatos das entrevistas, Scherer (2012) apresenta uma pesquisa na qual a contação de histórias foi percebida como uma atividade que promove a aproximação do vínculo, bem como o seu fortalecimento.

#### 4.2.9 Linguagem

Um aspecto bastante observado nas entrevistas foi a questão da linguagem, seja relacionando a contação de histórias com o aumento ou melhora da linguagem, seja associando com aspectos mais ligados ao social. A título de exemplo, 2 das 3 mães associaram a melhora e a própria aquisição de linguagem como sendo beneficiada por meio da contação de histórias.

*“Como eu te falei, né, ela desenvolveu muito rápido. Começou a falar cedo. Acho que antes de 2 anos ela já falava bem. E depois foi só ampliando o repertório de palavras dela, ela foi começando a falar muito bem. Com 2 anos ela já tava falando bem e bastante. E palavras difíceis ela fala, até hoje. E eu atribuo muito à essas histórias, esse hábito da leitura mesmo que a gente tem, que aparece várias palavras diferentes e ela foi assimilando né, foi gravando. O repertório é muito amplo, até hoje, cada vez tá melhor. Tem horas que, nossa, ela fala difícil e eu fico me perguntando ‘nossa, como que ela sabe disso?’ Palavras que você nem imagina que uma criança de 4 anos, acho que desde os 4 anos, vai falar, vai usar e ela usa, ela sabe a hora de usar,*

*isso que eu acho interessante. Ela sabe direitinho a hora de usar tal palavra. E é esse hábito da leitura, sim, eu tenho certeza, porque desenvolve bastante.” (M).*

Neste relato, pode-se ver que a M traz a linguagem relacionada ao repertório de palavras, dizendo inclusive que o repertório de palavras da sua filha é bastante grande, incluindo também palavras mais difíceis, as quais ela associa terem emergido por conta da contação de histórias.

C, mãe de E, traz uma outra perspectiva da influência da contação de histórias sobre a linguagem:

*“Então, o que eu percebi é que ela não falava muito, porque ela era muito tímida, sei lá, e hoje eu percebo que ela já se solta mais, ela já fala mais do que a boca. Quando ela começa a falar, ela não para. [e você acha que isso tem influência das histórias?] Eu acho que sim porque quanto mais você tem um diálogo com a criança, conversa, conta história, a criança vai começar a falar, a ter mais ideias, sabe?” (C).*

Aqui percebe-se que sua leitura da linguagem é bastante relacionada com a interação social proporcionada por meio da linguagem. Nesse sentido, associa que a contação de histórias tenha influência na mudança de comportamento de sua filha, que antes ela traz como sendo tímida, não falando muito e que agora já se permite maior contato e interação com os demais.

No que diz respeito a linguagem verbal, a influência da contação é bastante afirmada e facilmente observável, como foi exemplificado pelos relatos das entrevistadas, porém, o falar aparece bastante relacionado também a idade da criança e, mesmo a criança mais nova que fazia parte da amostra da entrevista, a mãe também afirmou sentir influência da contação de histórias, não tanto na linguagem verbal, pois sua filha é muito pequena (1 ano e 9 meses), *“Ah, ajuda bastante no falar, ela não tá falando ainda, ela fala só umas palavras específicas: mamá, papá, mãe, pai, neném” (sic L).* No caso desta criança pequena, a linguagem não verbal também sofre influência da contação de histórias, segundo a mãe, através da memorização das palavras e das rotinas: *“Ah, siiim, ela aponta muito. Por exemplo, quando ela quer tirar a blusa, ela começa a puxar pra dizer que quer tirar a blusa, se ela quer tirar a meia, ela vai lá e tira ou se não consegue, ela fica mostrando” (L).*

Corroborando isto, essa influência na linguagem não verbal também aparece numa outra entrevista, na qual a criança, quando mais nova, apontava para o que lhe era solicitado, e tal comportamento foi atribuído ao hábito de contar-se histórias desde cedo:

*“Ela tinha uns livrinhos que era de sensação, de bichinho, aí tinha o cachorrinho... Era mais de mostrar as figurinhas “Olha o cachorrinho, olha o porquinho...” e aí ela nem falava e eu falava pra ela mostrar e ela já sabia mostrar (apontava), porque vai guardando né, na memória. Eu acho muito importante porque mesmo que a criança não fale quando você tá contando a história, ela tá memorizando e quando ela começou a verbalizar, eu percebi que o repertório de palavras dela foi muito rico e*

*pra mim tem tudo a ver com a história. Ela foi memorizando, mesmo que ela não entendia eu ia lendo, e ela ia memorizando e absorvendo.” (M).*

Aqui percebe-se que, até nos casos de crianças mais novas, que ainda não adquiriram a linguagem verbal, a influência da contação de histórias é percebida, seja por sua memorização ou por ajudar na identificação de objetos.

A linguagem é um dos campos em que as mudanças percebidas são mais facilmente associadas ao hábito de ler e contar histórias, principalmente no campo educacional, no qual a contação de histórias é utilizada com uma ferramenta para a promoção da comunicação interativa e das fantasias, além da possibilidade de desenvolver o gosto pela leitura e a ampliação do vocabulário (MATEUS *et al.*, 2013; SCHERER, 2012). Nesse sentido, o adulto tem um papel fundamental na função de mediador: a partir de sua orientação sobre os livros, a criança pode fazer experiências no mundo da linguagem através do lúdico (ANDRADE; COSTA, 2015).

#### 4.2.10 Imaginação

A questão da contação de histórias entrelaçada com a imaginação foi um tema que emergiu das entrevistas mas que não estava previsto tal associação.

Uma das mães associa a imaginação com a resolução de problemas apresentada na história: *“Isso que é legal também, trabalha a imaginação, eles vão aprendendo resolução de problema que aparece na historinha né, vão aprendendo como lidar” (M)*

No relato de outra entrevistada, percebe-se que, para ela, a imaginação aparece mais relacionada com o desenvolvimento do lado criativo da criança, apresentando ainda a importância de se desenvolver e estimular este lado criativo:

*“Olha, porque eu acho, eu vejo que é uma forma da criança criar esse hábito, de trabalhar nesse lado criativo dela, da imaginação, da estimulação, que eu acho super importante [...]eu acho que é importante cultivar esse lado da imaginação, isso é tão rico pra elas” (L).*

Para finalizar a entrevista, a mãe em questão traz que a contação de histórias é fundamental no desenvolvimento da criança, promovendo vínculo mãe-filho e instigando a imaginação das crianças, contrapondo isso ao mundo consumista que ela enxerga hoje. Ela finaliza valorizando a leitura e o hábito de contação de histórias, e contraponto a esta relação mais consumista:

*“Olha, eu acho que a leitura é super importante pro desenvolvimento da criança, pra ajudar no contato, nesse vínculo da mãe com a criança, que instiga muito a imaginação e uma coisa que me preocupa muito hoje em dia que é esse mundo do consumismo, então a leitura pra mim é uma forma de mostrar o quanto é mais*

*importante se saber ler, cultivar esse hábito de leitura do que comprar e ter coisas, né, eu acho que tem toda uma relação nisso, principalmente.(L)”*.

No que diz respeito a imaginação, aparecem duas perspectivas relacionadas a contação de histórias: uma que traz a imaginação relacionada a resolução de problemas e outra que apresenta a imaginação mais relacionada ao desenvolvimento do lado criativo da criança. Esses aspectos também são apresentados por Andrade e Costa (2015), ao citarem que o uso da literatura infantil promove que a criança utilize sua imaginação e sua criatividade, e estes aspectos podem ajudá-la a fazer uma visão do mundo, auxiliando e mostrando soluções para problemas, além de suscitar esse imaginário. A literatura infantil estimula o imaginário infantil de modo que a criança possa vivenciar as histórias que escuta, e deste modo, imaginar, criar e pensar em soluções para problemas apresentados durante as histórias mas que podem estar relacionados ao seu cotidiano (FREITAS;SOUZA;MAGALHÃES, 2006).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o hábito de contar histórias é um costume bastante antigo, sendo realizado de diversas maneiras, desde a reunião de pessoas em volta de uma fogueira para contar lendas e histórias à contação de histórias feitas por familiares, como uma forma de contar a sua própria história para os membros mais novos. Através de tais momentos, acreditava-se que, poderia ser passado aos menores os costumes, tradições e experiências dos mais velhos, além de se divertir ao contar histórias próprias e inventadas. Infelizmente, este é um costume que vem entrando em desuso, tornando-se bastante raro nas famílias, que, por exemplo na hora de ir dormir, utilizam da tecnologia (televisão, desenhos animados, jogos eletrônicos) em oposição às histórias.

A proposta da pesquisa foi conhecer e descrever o hábito de contar histórias pela visão dos pais que contavam histórias, procurando apresentar a razão para estes terem iniciado e manterem o hábito, além de procurar descrever também a influência das histórias do desenvolvimento infantil, bem como alguns outros aspectos da contação de histórias.

Percebeu-se que os participantes do estudo tinham uma visão bastante positiva sobre a contação de histórias e suas influências na vida de seus filhos, conferindo aspectos positivos ao hábito, como por exemplo, influência no vínculo e na linguagem. Vale ressaltar que, embora não fosse um fator previsto, coincidiu de que todas as participantes eram mães, e as crianças em questão solicitadas para o estudo eram meninas.

Com relação à aquisição de mais livros, percebeu-se que as entrevistadas mostraram uma maior liberdade, não havendo um sistemática para compra de mais livros, aproveitando ao máximo os livros que já se tem, explorando todos os aspectos até que a criança mostre desapego por ele e adquirindo livros novos através de feiras, contando com a ajuda da criança para escolher novos livros para se adquirir.

No que diz respeito a iniciar o hábito, um fator que se considerava bastante importante era a influência da família dos pais terem tido esse hábito com eles, e assim, a inserção da contação se faria como um costume que é passado de geração em geração, o que é mais frequente, conforme apresentado por Petit (2012). Porém, tal aspecto foi mencionado apenas por uma das entrevistadas que, ao contar desse hábito quando realizado por sua mãe e sua avó, apresentou um relato bastante feliz e saudosista, mas que mostra o quanto a leitura pode tornar-se uma atividade mais prazerosa quando esta se inicia no ambiente familiar, de forma leve, não rígida e não obrigatória, conforme apresentado por Botini e Farago (2014). Percebeu-se que a familiaridade com o hábito é bastante variada, aparecendo também a

questão da inserção da leitura no ambiente escolar e também um interesse prévio mostrado pela criança, o que promoveu a criação de tal hábito.

No que diz respeito a motivação para se realizar o hábito, percebe-se que cada entrevistada tem uma motivação singular, que difere da motivação das outras. As motivações que apareceram foram a importância teórica e acadêmica da contação de histórias, a contação de histórias como um hábito capaz de instigar o lado criativo e trabalhar a imaginação da criança e por propiciar um momento de interação em que a mãe pode fornecer atenção para sua filha.

O momento da leitura também foi investigado e percebeu-se que as histórias, dentre as entrevistadas, são mais contadas no momento de dormir, propiciando um momento de desaceleração da criança, preparando-a para dormir. Este tipo de ritual mostrou-se em duas das três entrevistas realizadas, tendo a terceira entrevistada relatado que a contação ocorre espontaneamente com a sua filha no momento em que esta solicita, sem haver alguma sistematização. É interessante como a contação de histórias apareceu como um momento de preparação para o sono apareceu nas entrevistas, corroborando o apresentado por Scherer (2012), de que a leitura promove um ambiente mais calmo e propício para o sono. Neste mesmo aspecto, abordou-se a questão de utilizar-se a dramatização durante a contação, o que foi afirmado ser utilizado mais por algumas que por outras. Uma das mães relatou utilizar a dramatização também porque entende que incluir o afeto prende mais a atenção da criança. Outra mãe afirmou utilizar dramatização e brincadeiras, mas com cautela, pois sua intenção é desacelerar a filha e prepará-la para o sono. A última entrevistada confirmou utilizar a dramatização, mas, principalmente, quando a ação a ser realizada já aparece explícita na história, contando sentir dificuldade quando esta precisa pensar e elaborar a dramatização.

Os tipos de histórias contadas também apresentaram uma variabilidade extensa, sendo mencionados contos de fadas, narrações, gibis, histórias de ninar, livros com histórias sobre personagens femininas e o empoderamento feminino, entre outros. Quando em comparação com histórias inventadas ou próprias, como ocorria no costume de contação de histórias antigamente, é unânime a utilização das histórias próprias, ficando as inventadas ou próprias sendo contadas raramente ou nunca.

Um aspecto citado como positivo pelas participantes foi a influência desta no vínculo formado com as crianças. Todos os relatos trouxeram que a contação de histórias favorece e fortalece o vínculo formado entre mães e filhas, sendo citado o momento da contação como um momento bastante particular de aproximação, principalmente para aquelas famílias que passam pouco tempo com os filhos, e assim, a contação se apresenta como um momento para

a família interagir com aquela criança. Botini e Farago (2014) trazem essa perspectiva de que a leitura, sempre que realizada dentro do ambiente familiar, proporciona maior prazer e favorece a formação de vínculo entre pais e filhos.

A linguagem apareceu como sendo beneficiada positivamente pela o hábito de contar histórias. Duas das entrevistadas citaram que a contação aumentou ou melhorou o repertório de palavras das crianças, tanto no que diz respeito a linguagem verbal quanto a não verbal, no caso de crianças que ainda não desenvolveram a fala. Foi mencionada também a influência da contação de histórias na linguagem no sentido de melhorar e aumentar a socialização da criança, aumentando sua comunicação com os de mais indivíduos.

A influência da contação de histórias sobre a imaginação das crianças também foi um tema contemplado no relato das mães. A imaginação apareceu de dois modos: relacionada ao desenvolvimento do lado criativo e relacionada a maior disponibilidade para resolução de problemas. Estes dois aspectos também foram apresentados por Andrade e Costa (2015), que referiram que a literatura infantil propicia a utilização da imaginação e da criatividade, podendo estas serem utilização para refletir sobre resoluções para problemas. Um ponto bastante importante apresentado pelas histórias é a sua capacidade de fornecer que as crianças possam vivenciar as histórias a que tem contato, e assim, consegue criar e imaginar soluções para os mais diversos problemas (FREITAS;SOUZA;MAGALHÃES, 2006).

A contação de histórias é uma ferramenta para se estimular a imaginação da criança e, assim como a brincadeira, adentrar o mundo lúdico no qual a criança transmite suas questões. Para adentrar neste mundo lúdico, a contação de histórias pode se inserir num espaço potencial, localizado numa área intermediária entre a realidade interior e a realidade exterior. Este espaço potencial favorece que o indivíduo utilize sua personalidade de forma integral e também a sua espontaneidade. No relato contado pelas mães procurou-se indícios de se ocorria esta junção entre mundo subjetivo e objetivo, se, ao contar as histórias, as mães transitavam dentro do mundo simbólico. Algo bastante interessante neste aspecto apareceu no relato de M, ao contar sobre o modo como contava as histórias. Ela menciona que costuma contar as histórias fazendo algum tipo de dramatização, pois conta que somente ler não chama tanto a atenção da criança, mas que ao dramatizar, ela acrescentar afeto e emoção nessa dramatização, contando que assim, a criança se interessa mais. Percebe-se neste relato que a mãe reconhece que há uma maior interação com a história quando há afetos e emoções sendo mostradas, indicando que deste modo, a história se faz mais proveitosa para a criança, que procura atentar-se mais.

No relato apresentado por C, esta conta que tenta, mas que tem uma dificuldade em dramatizar as histórias: quando já apresentam pelo enredo o que ela pode dramatizar, ela dramatiza, mas diz ter algumas mais difíceis e que ela acha mais complicado.

A expressão de sentimentos através das histórias também foi um aspecto que emergiu em algumas das entrevistas, porém de modo bastante sutil: por medo de determinada história (história: “mamãe virou monstro”), conflitos para ir dormir e história do coelhinho que recebe uma poção e dorme e história do peixinho teimoso. Nesses três exemplos pode-se supor que houve algum tipo de identificação com o enredo da história, pois a criança fixou-se nela e mostrou algum tipo de ação em relação a esta.

Assim, pode-se pensar que através do modo como as histórias são contadas pelas mães e o modo como as crianças absorvem e mostram contar e referenciar as histórias há alguma movimentação no território transicional, porém, como já dito, de modo bastante sutil. O modo lúdico de contar as histórias pode propiciar um ambiente potencial no qual a criança pode projetar seus questionamentos e conflitos e, assim, trabalhar estes de modo lúdico, utilizando sua criatividade de forma mais espontânea.

A questão do uso das histórias pelas crianças no espaço potencial, foi pouco observada, isto pois, somente pelo relato contado pelas mães não se poderia observar tal fato, sendo necessária uma observação mais cautelosa e com o objetivo de ver se há e como se mostra o espaço potencial fornecido por meio das histórias. Sugere-se que, em investigações posteriores, se observe o momento da contação de histórias e/ou a criança que conta a história, a fim de observar como se dá o uso da história dentro do espaço potencial.

Penso que seria interessante realizar uma pesquisa que abordasse maior número de participantes, dando ênfase a crianças do sexo masculino, pois, todas as crianças do estudo foram meninas, além de buscar também a inserção de pais, pois todas as entrevistadas foram mulheres.

Realizar a pesquisa foi algo bastante satisfatório e rico ao meu ver, pois sou uma leitora assídua desde bem pequena e tenho bastante carinho pela leitura e pela contação de histórias. Foi bastante interessante e esperançoso ver que, pelo menos nos relatos contados aqui, que há uma valorização do hábito de contar história e há benefícios sendo atribuídos a este, como aumento da linguagem e melhora na formação do vínculo entre mãe e filhos. Mais do que isso, foi bastante interessante perceber que ainda há uma valorização da literatura quando a tecnologia está tão em alta e tão evidente na relação entre pais e filhos, atravessando a relação. No mais, foi bastante interessante e gratificante realizar esta pesquisa e conhecer a perspectiva dos pais que contam histórias para seus filhos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paola B. Aguiar; COSTA, Sueli Silva Gorricho. **CONTAÇÃO OU LEITURA: DOIS MOMENTOS MÁGICOS DA LITERATURA INFANTIL.** *Nucleus*, [s.l.], v. 12, n. 1, p.341-360, 30 abr. 2015. Fundação Educational de Ituverava. <http://dx.doi.org/10.3738/1982.2278.1433>. Disponível em: <<http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/1433/1781>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

ARAUJO, Greicy Boness de; SPERB, Tania Mara; BITTENCOURT, Hélio Radke. Termos Mentais na Contação de Histórias e a Teoria da Mente das Crianças. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [s.l.], v. 32, n. 4, p.1-9, jun. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e32427>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722016000400207&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000400207&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 29 ago. 2018.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 366 p. Tradução de Arlene Caetano.

BOTINI, Gleise Aparecida Lenhaverde; FARAGO, Alessandra Corrêa. Formação do leitor: papel da família e da escola. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-sp, v. 1, n. 1, p.44-57, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/>>

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: Psicanálise nas Histórias Infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006. 278 p.

CORSO, Mario; CORSO, Diana. Por que as crianças precisam de histórias? **Mente & Cérebro**, [s.l.], n. 197, n.p., jun. 2009. Disponível em: <<http://www.marioedianacorso.com/por-que-as-criancas-precisam-de-historias>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. O brincar e a experiência analítica. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 45-59, June 2003.

FREUD, Sigmund.(1908). *Escritores criativos e devaneio.* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. volume IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FULGENCIO, Leopoldo. A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 393-401, Dec. 2011. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2011000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000300012&lng=en&nrm=iso)>. access on 19 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300012>.

FREITAS, Andréa Mônica Gomes de; SOUZA, Ana Silvia Silva de; MAGALHÃES, Cora de Paula Vieira. **LITERATURA INFANTIL: A ARTE DE CONTAR E RECONTAR HISTÓRIAS.** 2006. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Formação de Professores para as séries Iniciais do Ensino Fundamental, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em:

<<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6726/1/40350321.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2019.

GODOY, Luciana Bertini. Uma veste para os nossos sonhos: o lugar da cultura no pensamento de winnicott. In: FERREIRA, Afrânio de Matos. **Espaço potencial Winnicott: Diversidade e Interlocação**. São Paulo: Editora Landy, 2007. p. 98-117.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et al. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p.54-69, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477/7227>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

PEREIRA, Melina de Carvalho; PEDROSA, Maria Isabel. De Pais para Filhos:: Modos Intencionais de Transmitir Valores. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 19, n. 2, p.243-253, maio/ago. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/34307/29358>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

PERES, Silvana Goulart; NAVES, Renata Magalhães; BORGES, Fabrícia Teixeira. Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 22, n. 1, p.151-161, abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392018013877>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572018000100151&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572018000100151&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 23 ago. 2018.

PETIT, Michèle. **A Arte de Ler: Ou como resistir a adversidade**. 2. ed. Sl: Editora 34, 2012. 299 p.

PORT, F. L. *et al.* (Nov. de 2014). Contando recontando... Subjetivando: A importância terapêutica da psicanálise no grupo de contos. **Anais da VIII Mostra Científica do Cesua**, 305-310.

RAIMUNDO, A. P. P. A mediação na formação do leitor. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3., 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2007. Disponível em: <[http://www.ple.uem.br/3celli\\_anais/trabalhos/estudos\\_literarios/pdf\\_literario/010.pdf](http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2018.

RODRIGUES, Marisa Cosenza; SILVEIRA, Flávia Fraga; PELISSON, Maíze Carla Costa. Teoria da mente e leitura: estudo qualitativo na educação infantil. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 2, p.195-204, maio/agosto, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572017000200195&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572017000200195&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 21 nov. 2018.

SAFRA, Gilberto. O espaço potencial e sua relação com as histórias infantis. In: SAFRA, Gilberto. **Curando com histórias: a inclusão dos pais na consulta terapêutica das crianças**. São Paulo: Edições Sobornost, 2005. Cap. 1. p. 29-34.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. Lendo histórias em família: influências sobre o vocabulário infantil e desempenho em leitura e

escrita. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.39-44, 1996. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-85571996000100006>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85571996000100006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85571996000100006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 24 ago. 2018.

SCHERER, Ana Paula Rigatti. Pais contadores de histórias, filhos futuros leitores. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 37, n. 62, p.318-334, jun. 2012. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/2315/2007>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

SILVA, Fausto Pereira da; ASSIS, Maria de Fátima Pessoa de. A IMPORTÂNCIA DO NARRAR E DO BRINCAR: UMA VISÃO PSICANALÍTICA. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p.56-72, jan/jun 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/38924>>. Acesso em: 09 set. 2018.

SILVA, Márcia Onísia da; GARCIA, Márcia Maria Aparecida Severino; SILVA, Rita de Cássia da. Contação de histórias infantis: promovendo a imaginação e o lúdico. **Revista Elo – Diálogos em Extensão**, [s.l.], v. 2, n. 1, p.51-74, 25 ago. 2015. Revista Elo - Dialogos em Extensao. <http://dx.doi.org/10.21284/elo.v2i1.10>. Disponível em: <<https://www.elo.ufv.br/index.php/elo/article/view/10/10>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. UNIDADE 2 – A PESQUISA CIENTÍFICA. In: GERHARDT, Tatiana Engel et al. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. p. 31-42. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

**ANEXO A - FICHA SOCIODEMOGRÁFICA****FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**

Gostaria que você me respondesse algumas perguntas sobre você:

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Gênero: ( )feminino ( )masculino ( )outro: \_\_\_\_\_

Grau de instrução:

Segue alguma religião? ( )sim ( )não Qual? \_\_\_\_\_

Você é: ( )casada(o) ( )solteira(o) ( )divorciada(o)/separada(o)

Você trabalha? ( )sim ( )não ( )desempregada(o)

Quanto você trabalha? ( )até 6 horas( )até 10 horas ( )mais de 12 horas

Em que trabalha? \_\_\_\_\_

Nº de filhas(os): \_\_\_\_\_

**ANEXO B - QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA**

1. Você adquire livros? Se sim, com que frequência e quantos?
2. Qual sua familiaridade com a contação de histórias? Como e quando você teve contato com essa prática em sua vida?
3. Descreva como é o momento da contação de histórias (frequência, horário...)
4. Como é a experiência de contar histórias?
5. Quando deu início ao hábito?
6. Por que você iniciou o hábito? E o que o faz manter?
7. Que tipo de histórias você conta para sua(seu) filha(o) (contos de fadas, histórias próprias, histórias inventadas..)?
8. Sua(seu) filha(o) mostra-se interessada com a atividade? Como é?
9. Vocês brincam durante a contação? Dramatizam? De qual forma a história é contada?
10. Sua(seu) filha(o) expressa sentimentos durante a contação
11. Após a contação, vocês conversam sobre a história? Fazem algum tipo de atividade?
12. Como é o comportamento da(o) sua(seu) filha(o) durante a contação?
13. Como vocês finalizam a contação de histórias?
14. O que você acha que mudou, em relação a sua(seu) filha(o) desde que começou com o hábito de contar histórias?
15. Você percebeu alguma mudança no vínculo entre vocês?
16. Você percebe se sua(seu) filha(o) faz algum uso da história? Qual?
17. Você percebeu alguma alteração na linguagem ou vocabulário da(o) sua(seu) filha(o) depois que iniciou o hábito de contar histórias?
18. ? Você percebeu alguma mudança em relação aos sentimentos da(o) sua (seu) filha(o)? Você percebe se ele passou a se expressar mais ou menos?

## **ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

#### **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

#### **COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa “A Influência da Contação de Histórias no Desenvolvimento Infantil sob a Ótica dos Pais”, realizado por Maria Clara Sales de Medeiros Souza, e-mail: mariacsms@gmail.com, orientada pela Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup>. Rosa Maria Tosta, que é a pesquisadora responsável pela pesquisa. Objetiva-se descrever a influência da contação de histórias na vida das crianças a partir da ótica dos pais que tenham o hábito de contar histórias para seus filhos e verificar qual a motivação dos pais em manter tal hábito. A sua participação é muito importante e ela se daria através da realização de entrevistas. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

O projeto apresenta à priori riscos mínimos ao participante, mas em caso de qualquer desconforto emocional você poderá conversar com a pesquisadora Maria Clara Sales de Medeiros Souza e com a Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup>. Rosa Maria Tosta, supervisora responsável pelo projeto, e sendo necessário você será encaminhado a uma psicóloga da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos não deixe de procurar o pesquisador para esclarecimento de dúvidas e ou sugestões.

Terá como benefício direto levar os pais a refletir sobre a sua prática de leitura. Como benefício indireto, a partir da publicação da pesquisa, poderá sensibilizar outros pais e mesmo profissionais para estimular a prática de contação de histórias.

Esse processo foi submetido ao CEP/PUCSP e garante seus direitos. Conto com sua colaboração e agradeço, antecipadamente, sua participação.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Maria Clara Sales de M. Souza  
[mariacsms@gmail.com](mailto:mariacsms@gmail.com)

Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup>. Rosa Maria Tosta  
[romtost@pucsp.br](mailto:romtost@pucsp.br)

---

PUC-SP

Aceite de participação na pesquisa

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG nº \_\_\_\_\_  
tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em  
participar voluntariamente da pesquisa descrita acima. Fui devidamente informado (a) que  
não terei nenhum ônus com a minha participação e posso encerrá-la a qualquer momento sem  
nenhum dano.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE SÃO PAULO -  
PUC/SP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A VISÃO DE PAIS SOBRE A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA VIDA DE SEUS FILHOS

**Pesquisador:** Rosa Maria Tosta

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 03945618.9.0000.5482

**Instituição Proponente:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.104.861

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Psicologia, vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Maria Clara Sales de Medeiros Souza, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Tosta.

A proposta de pesquisa em tela, informa resumidamente que "(...) O presente trabalho tem como objetivo descrever a influência da contação de histórias na vida das crianças a partir da ótica dos pais que tenham o hábito de contar histórias para seus filhos e verificar qual a motivação dos pais em manter tal hábito. Segundo o referencial psicanalítico, a contação de histórias é uma atividade que pode fornecer um espaço potencial no qual a criança tem a possibilidade de elaborar seus conflitos inconscientes e sentimentos e entrar em contato com eles de modo mais adequado a ela, além de ser uma maneira de transmissão de cultura e fortalecimento de vínculos. Tal estudo justifica-se na medida em que a contação de histórias era um costume fundamental no que diz respeito a transmissão de cultura e que foi se perdendo com o passar de tempo em função do advento das inovações tecnológicas, porém, tal costume ainda se mantém e tem-se interesse em demonstrar que fazem como que ele se mantenha. Para tanto, serão realizadas entrevistas semi-dirigidas com mães e/ou pais que tenham o hábito de contar histórias para seus filhos de até seis

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 3.104.861

anos. A análise do conteúdo das entrevistas será feita através de categorias retiradas dos temas da entrevista. "

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Descrever a visão dos pais sobre o hábito de contar histórias para os filhos

Objetivo Secundário:

1. Descrever a influência da contação de histórias na vida da criança a partir da ótica dos pais que contam histórias para seus filhos.
2. Verificar qual é a motivação de pais para manter o hábito de leitura.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado nas Resoluções CNS/MS n. 466/12 e CNS/MS n. 510/2016 que tratam das pesquisas que envolvem seres humanos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados bastante contributivos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;
5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: [www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios](http://www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios)

<b>Endereço:</b> Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	<b>CEP:</b> 05.015-001
<b>Bairro:</b> Perdizes	
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> SAO PAULO
<b>Telefone:</b> (11)3670-8466	<b>Fax:</b> (11)3670-8466
	<b>E-mail:</b> <a href="mailto:cometica@pucsp.br">cometica@pucsp.br</a>



Continuação do Parecer: 3.104.861

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sítio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

**Recomendações:**

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 3.104.861

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1251580.pdf	23/11/2018 14:33:05		Aceito
Outros	oficio_de_apresentacao.pdf	15/11/2018 16:22:43	MARIA CLARA SALES DE MEDEIROS SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetofinal_mariacларasales.pdf	11/11/2018 12:21:16	MARIA CLARA SALES DE MEDEIROS SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoconsentimento.pdf	11/11/2018 12:20:46	MARIA CLARA SALES DE MEDEIROS SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	09/11/2018 17:31:25	MARIA CLARA SALES DE MEDEIROS SOUZA	Aceito
Parecer Anterior	parecer_merito_tcc_maria_clara_sales_de_medeiros_souza_assinado.pdf	05/11/2018 21:51:14	MARIA CLARA SALES DE MEDEIROS SOUZA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO PAULO, 31 de Dezembro de 2018

---

**Assinado por:**  
**Antonio Carlos Alves dos Santos**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

## ANEXO E – ENTREVISTAS

### Entrevista 1

**Mãe:** Maria\*(na Análise de Resultados, seus comentários serão referenciados através da letra M)

**Filha:** Joana, 5 anos

#### **Adquire livros? Com que frequência?**

M: Ah, eu não compro muito, muito não, porque primeiro eu uso bastante aqueles, né, que ela já tem, e aí depois, quando ela enjoa mesmo, que eu compro outro. Peço aqueles do itaú, que é por ano né. Quando tem feirinha assim, que eu vejo que tem livro barato, eu vou lá e compro.

#### **E você que escolhe ou ela que escolhe?**

M: Ela que escolhe. **[Todos?]** Todos não, alguns eu que escolho, mas geralmente é ela.

#### **Então não tem frequência?**

M: Não. Acontece, as vezes a gente tá passeando, passa pelas feirinhas de livro, ela acha algum interessante e a gente compra.

#### **E qual a sua familiaridade com a contação de histórias? Qual a sua história com este hábito? Como você teve conhecimento? Na sua infância, na escola..?**

M: É, na minha infância, minha mãe já contava história pra gente. Eu lembro que eu tinha um livrinho, da escola mesmo, que tinha um monte de histórias. Aí quando eu ficava doente, minha mãe sentava comigo à noite, na cama, e lia aquelas histórias... Nossa, tem uma que eu não esqueço, que chama “Chiquita esperando a chuva passar”. Ah era muito linda essa história, me marca, marca muito minha infância e toda vez eu lembro dela contando essa história pra mim. Ela ficava na janela, triste porque tava chovendo e não dava pra brincar aí a mãe dela chamava ela pra chupar bala, bala de chocolate (risos) para passar o tempo. Era bem legalzinha a história e tinha no meu livro, eu acho que era do segundo ano, que tinha essa historinha. Ah, nessa época não tinha costume de ir lá e comprar história pra gente aí pegava o que tinha da escola mesmo e contava essas histórias. **[Era a escola que dava o livro?]** Não, a gente comprava, mas era indicado pela escola... Engraçado né, ela, a minha mãe, já tinha essa noção de contar história pra gente... **[Ah, é um costume mais antigo...]** É mesmo né? Porque o pessoal se reunia mais pra contar história, num é? Eu acho que ela deve ter tido também **[Ah, fazia mais parte da tradição...]** É verdade! Tinha aquela coisa de se reunir numa fogueira, e os mais velhos contavam histórias para os mais novos, as vezes sem livro mesmo né? Contavam histórias do passado... Nossa, minha vó contava também muita história pra gente, das coisas que ela viveu. A gente ficava assim “óh”, de boca aberta, só prestando atenção. Tinha umas bem cabeluda, assim, de terror (risos) umas histórias assim de interior, sabe? De gente que apareceu de repente, gente que morreu e veio contava as coisas, tinha umas histórias meio cabeludas, a gente ficava morrendo de medo. Nossa, ela contava e ela contava, assim, com tanto detalhe... Que ela viu mesmo aquilo **[Mas ela não tinha visto?]** Ah ela conta que ela viu sim. Ela contava umas histórias assim que, nossa, que o pai dela mesmo que morreu, tinha um machadinho e depois que ele morreu ela viu o machadinho mexer.. sabe esse tipo de história? Tipo lenda urbana, nossa isso é o que mais tem no interior, né? Ela contava pra gente... Uma vez ela contou pra gente que apareceu uma mão embaixo da porta... As vezes a gente acha que é coisa da imaginação dela, né, mas ela conta com uns detalhes que “nossa ela viu mesmo”. E ela contando, eu ficava olhando pra trás pra ver se não via ninguém (risos). Eu ficava morrendo de medo, mas era gostoso. Reunia as primas, as

tias... Tinha essa tradição, só não era assim, né, com os livros, era com histórias dela. A minha mãe já tinha o hábito de pegar o livrinho e contar a história pra gente. E minha mãe também começou assim né, ela ouvia história da avó dela e aí foi passando né, de geração em geração.

**Como é o momento de contação de histórias com a sua filha? Como iniciou, qual idade ela tinha...?**

M: Ah, então, isso já veio porque eu fiz o magistério né e no magistério a gente aprendeu que a história é muito importante pra criança, né, que tem tanto estudo... E aí a gente aplica isso, eu aplico isso pros meus alunos na escola e eu vejo o quanto é importante e aí depois que eu tive a J. eu resolvi contar pra ela também. E aí toda noite, antes de dormir, já é hábito já, ela tem a gavetinha dela lá, cheia de livro, ela adora, ela já vê como uma coleção de livro mesmo e quando ela vê feirinha de livro, ela procura mais porque ela quer colocar mais na gaveta. E aí a gente conta. Eu peço sempre pra ela escolher a história e eu conto toda noite pra ela dormir. E é legal também esse contato né, da gente tá junto, é um momento nós duas ali, eu acho muito importante e ela gosta bastante.

**E você sabe quantos anos ela tinha quando você iniciou esse hábito?**

M: Ah, desde “pitchitchitchica” mesmo, desde 1 ano. Com 1 ano eu já mostrava pra ela as imagens... Ela tinha uns livrinhos que era de sensação, de bichinho, aí tinha o cachorrinho... Era mais de mostrar as figurinhas “Olha o cachorrinho, olha o porquinho...” e aí ela nem falava e eu falava pra ela mostrar e ela já sabia mostrar (apontava), porque vai guardando né, na memória. Eu acho mt importante porque mesmo que a criança não fale quando você tá contando a história, ela tá memorizando e quando ela começou a verbalizar, eu percebi que o repertório de palavras dela foi muito rico e pra mim tem tudo a ver com a história. Ela foi memorizando, mesmo que ela não entendia eu ia lendo, e ela ia memorizando e absorvendo. E ela gosta. Mas é muito dela também, além da gente incentivar, ela gosta mesmo.

**E como que é, pra você, a experiência de contar história?**

M: Ah pra mim é maravilhoso, eu adoro contar. Você vê, quando eu conto para os meus alunos também, você vê os olhinhos brilhando, eles ficam encantados. Sendo um livro, assim, certo pra faixa etária, chama mais a atenção ainda, prende bastante, você vê que eles viajam, a imaginação vai... Isso que é legal também, trabalha a imaginação, eles vão aprendendo resolução de problema que aparece na historinha né, vão aprendendo como lidar. E é muito importante, literatura tem que incentivar desde cedo, isso deveria fazer parte da rotina de todas famílias. E a J. gosta muito. As vezes eu esqueço ela lembra. Agora a gente tá fazendo um pouquinho ao contrário, já que ela começou a se alfabetizar, eu peço pra ela contar pra mim a história. Algumas parte você vê que ela decorou, mas algumas você vê que ela lê mesmo.

**Seu outro filho também teve esse hábito?**

M: Sim, ele também tinha. Eu tinha feito o magistério quando ele nasceu e ele tinha esse hábito sim também. Tanto é que ele começou a ler novinho também, com 6 anos ele já lia fluente, assim. E tem tudo a ver. Desde pequenininho eu pegava os livrinhos que ele tinha e mostrava pra ele, ele sempre gostou. E ele também era um que não sabia falar e já mostrava todos bichinho, direitinho. Todo dia contava e ele decorou também. Só que assim, a J. tem mais livro que ele. Não tinha essa de comprar muito livro, ele pegava mais o que tinha em casa.

**E teve uma idade em que você parou? Por que?**

M: Teve uma idade, sim. Quando ele começou a ler, quando começou a ter lição pra fazer em casa, aí eu parei mais de contar história porque aí ele mesmo já lia. Eu pensei que ele ia gostar mais de ler, mas... E video-game ele só foi ter com 8 anos, até então era os livros mesmo, coisa que a J. já tem mais acesso, né, essa tecnologia.

**Que tipos de histórias você conta? Contos de fada, narrativas?**

M: Então, contos de fada ela já não se interessa muito, mas quando ela era menorzinha, eu contava sim. Tem alguns contos de fada que eu falo “ah, a mãe vai contar esse, ta?” e ela aceita, mas geralmente ela quer de terror, que tem monstro, ela adora. Aí tem outras historinhas que ela gosta muito, tem a do Gildo. Nossa, essa historinha do Gildo toda vez ela quer que eu conte pra ela, ela gosta muito. O Gildo tinha medo de bexiga. Ele não tinha medo de nada, mas quando convidava ele para um aniversário, ele ficava apavorado, nem dormia à noite por causa do pavor de bexiga. Nossa, ela gosta tanto dessa história (risos). É uma das preferidas dela. **[E foi ela quem escolheu comprar esse livro?]** Esse não foi ela quem escolheu, eu que comprei numa feira de livro. Eu que já conhecia o livrinho, gostava, aí decidi comprar. E ela gosta mesmo desses de monstro, mas nossa, como ela gosta dessas historinha? Por que será? (risos) Ela viaja. Gosta dessa do Gildo e de alguns outros bichinhos que ela se interessa, do cachorrinho, do coelhinho, ela gosta. **[Qual o enredo dessas histórias? Elas possuem algum desafio?]** Desafio? É, desafio. **[Aparece alguma coisa que o personagem tem que superar?]** Sim, que tem que superar, ela gosta bastante. É isso mesmo. Ela gosta de heróis também, de histórias que tem heróis, e tem desafio também, né? Ela ADORA essas histórias, ela tem algumas, sim. Ela gosta de ser a princesa, mas a princesa que luta, não aquela princesa que fica esperando o príncipe, não. É aquela que vai a luta e ganha a batalha.

**E você conta ou já contou histórias inventadas ou próprias?**

M: É mais pronta mesmo, inventada dificilmente. Mas já aconteceu, já aconteceu de contar história inventada e história que eu já vivi mesmo, mas é mais raro, geralmente é a história pronta mesmo. **[E como é a interação de quando a história é inventada?]** Ah, é bem legal, também, ela fica bem atenta, prestando atenção. Fica ali no olho no olho né. Ela quer interagir, ela pergunta mais, parece que ela interage mais. **[Esse é um costume um pouco mais difícil de ser encontrado hoje em dia, mas as duas formas estimulam a imaginação...]** É, de qualquer jeito tá estimulando a linguagem oral, a fantasia. A linguagem oral, nossa, quando a gente conta a história pra criança, a diferença... Eu percebo na escola também, porque tem criança que vem de escola que não tinha, que a gente sabe que não tinha, que o professor não tinha esse hábito de contar história, não, e tem diferença, viu, das crianças que já estavam no CEI porque a gente tem esse hábito, de fazer projeto, de mandar livro pra casa, pros pais lerem, pros pais relatarem o que foi esse momento, então lá tem bastante e nas outras não tem muito. A gente vê diferença das crianças que já vem do CEI e das crianças que vêm de escolas conveniadas, o repertório de palavras é mais amplo, as crianças falam mais, desenvolve muito a linguagem oral. Importantíssimo, literatura na educação infantil é tudo! Faz parte, né, da vida da gente. Desde sempre, é meio de comunicação, dá pra usar pra se comunicar..

**Durante a contação, vocês fazem algum tipo de brincadeira, de dramatização? Alguém se propõe a entrar em papéis..?**

M: Ah, sim, eu gosto de contar dramatizando pra chamar mais a atenção. Eu gosto de contar assim, dramatizando, e quando ela vai contar agora, é engraçado, porque também a gente percebe que ela tenta dramatizar o negócio. É interessante. Mas é, eu tento dramatizar pra chamar mais né, porque a gente percebe que as vezes só lendo não chama tanto, parece que a

criança se dispersa mais, e aí você contando com aquela ênfase, assim, ela se interessa mais. Colocar a emoção, o afeto na hora de contar a história é bem legal.

**E já aconteceu de, durante a contação, ela pedir para representar algum personagem?**

M: Não que eu me lembre. Não. Geralmente ela fica ouvindo mesmo. Mas aí quando ela conta, ela dramatiza mesmo, ela conta com vontade. É, aí ela entra na história, de corpo e alma e ela começa a achar que é a personagem e aí ela começa a dramatizar também.

**E ela já expressou sentimentos durante a contação de histórias?**

M: Quando ela era menor, já aconteceu de ela ficar emocionada com a historinha. De eu olhar assim pra ela e o olhinho estar cheio de lágrima, teve sim. Mas quando ela era menor, ultimamente não, não cheguei a ver... mas também, as histórias que ela tá escolhendo agora, de terror.. né, grande emoção, emoção de medo (risos). Só se ela chorar de medo.... Não é como aquelas histórias de contos de fada que tem aqueles momentos tristes, né. Acho que deve ser isso. Quando ela era menorzinha eu contava, ela se emocionava, sim, vendo filme também. Uma vez ela tava vendo um, eu acho que o do Rei Leão, não sei se foi a música também, gente como aquilo mexe, ela tinha acho que uns 2 aninhos e eu deixei ela assistindo, quando eu olho ela tá lá, com o olhinho cheio de lágrima, chorando de emoção, porque né, quietinha, eu chorei junto né... Aquela coisiquica lá, sentada... nossa... Foi a primeira vez que vi ela se emocionar, assim, com filme. **[E outros sentimentos, já percebeu?]** Ah, já aconteceu dela se empolgar, dar risada... Medo aparece, tem uma lá que ela nem quer mais que eu conte. Chama “Mamãe virou monstro”. É interessante esse livrinho, eu já conheci e achava legal, aí comprei pra ela lá na feira do livro da USP e ela não quer saber mais do livro. Esse aí realmente causou medo nela. Eu li uma vez só e ela nunca mais quis saber do livro, tá lá só. Foi o unico assim que eu percebi que ela ficou com medo. Acho que ela ficou com medo de que eu ia virar monstro também (risos). Sei lá eu, vai saber o que que passou pela cabeça... Sei que ela nao quer mais que eu leia, não.

**E após a contação, vocês conversam? Há algum tipo de diálogo?**

M: Não, eu só conto mesmo. Geralmente ela já tá com sono... Agora que eu tô propondo pra ela contar a história pra mim... **[E ela já começa contando pra você ou você inicia e ela continua?]** Não, ela que começa. As vezes, como é a noite, ela tá com muito sono, aí ela fala “ah, mãe, termina?” e aí as vezes eu termino.

**E já aconteceu dela mencionar a história depois, no dia seguinte, em alguma situação?**

M: Raramente ela comenta. Assim, quando tá chegando perto da hora de contar a história, ela fala “ah mae, eu quero aquela história lá” e aí ela conta o que lembra, quando é história nova, mostra que ela gostou, mas o comentário que ela faz é esse.

**Como é o comportamento da J. durante a contação?**

M: Ah, ela já é espuleta já, geralmente. Aí na hora de ir dormir, depende muito do dia: se ela tá mais cansada, ela fica mais quietinha, geralmente ela fica “mexe de um lado, mexe pro outro, fica se revirando, ela tem esse costume, quando ela vai pegando no sono que ela começa a ficar mais quieta. Mas ela fica mais se revirando mesmo. Mas ela ta prestando atenção na história. Agora quando a história prende mais, mesmo, que ela gosta bastante, aí ela já fica mais quieta. É que já é dela esse não ficar quieta.

**E como vocês finalizam a contação de histórias?**

M: Então, como é sempre nesse momento que eu conto, a noite, ela acaba a história, a gente faz uma oração, depois ela dorme. A gente finaliza assim. Daí eu guardo o livro, ela faz a

oração e vai dormir. **[e ja aconteceu dela dormir durante a história?]** Nunca aconteceu. Sempre ela fica ouvindo até o final. Ela não é assim de dormir, não. Ela fica esperando o final. Mesmo quando ela já sabe né, o final, é de alguma historia que ela conhece, que ela gosta muito da história, ela nao dorme não.

**Você acha que mudou algo na sua relação com a J. desde que você começou a contação de histórias?**

M: Ah, eu percebo que melhorou sim. Acho que esse momento é muito importante, penso que todas as mães deveriam ter esse momento com o filho, coisa que não acontece, né? É uma pena né, porque é um momento que você tá com mais contato, se você trabalha o dia todo, é um momento só pra vocês duas. Eu acho muito importante, e muda a relação, você fica mais próxima, é importante sim esse momento. A história une mais. Acho que toda a família deveria ter esse hábito.

**E o pai da J já participou ou é só você?**

M: já, já aconteceu dele participar. Ele participa às vezes mas não quando eu tô junto: as vezes eu to fazendo alguma coisa ai eu falo pra ele “ah vai você hoje contar a história”, mas aconteceu raramente. Só que o H. (pai) prefere contar história inventada. Ele já gosta de contar coisas que aconteceu na infância dele, na vida dele, pra ela. Ele já gosta de inventar, mas ele já contou com livro também. E ela gosta do mesmo jeito. É... Precisa acontecer mais, eu preciso chamar mais ele. É sempre mais eu, mas ele precisa contar história pra ela também. Pro G (filho mais velho) ele que contava, era mais ele... Nossa, agora que eu tô falando que eu tô lembrando. Ele ganhou dois livrinhos que fala da bíblia da Leda, acho que esse livro deve estar por aí até hoje. E ai o H gostava de ler esse livrinho pra ele. E agora que eu to falando, eu lembrei, eu cheguei a comprar uma coleção que tinha um CD de historinha também e vinha os livrinhos. Era uns livrinhos final. É na época do G, era mais H que contava porque eu tava na faculdade e trabalhando, então ele que tinha mais tempo. Eu chegava a contar, mas na época dele era mais o H. E agora a J é mais eu mesmo. **[e sempre foram histórias inventadas?]** inventadas, sim. Ele lembra até hoje. Ele contava toda noite história pra ele. Toda noite, depois fazia a oração com ele.

**E você já percebeu algum uso que a J faz da história? Ela ja mencionou personagens das histórias para falar sobre ela ou sobre alguma situação?**

M: Ela lembra das histórias, sim. Tem a do Gildo, que as vezes ela fala assim “ah, mãe, hoje eu tô igual o Gildo, quando estoura essas bexigas”. Ela já comentou sim, quando estourou bexiga, né, de ela lembrar do personagem. **[E já houve alguma outra história fora a dol Gildo?]** Sim, tem do monstrinho também, do monstrinho colorido que ela comentou sobre o livro. As vezes ela vê alguma coisa que lembra o livro, aí ela fala. É que eu não sei dizer exatamente o que que foi, mas ela fala.

**Você percebe influência da contação de história na linguagem dela?**

M: Como eu te falei, né, ela desenvolveu muito rápido. Começou a falar cedo. Acho que antes de 2 anos ela já falava bem. E depois foi só ampliando o repertório de palavras dela, ela foi começando a falar muito bem. Com 2 anos ela já tava falando bem e bastante. E palavras difíceis ela fala, até hoje. E eu atribuo muito à essas histórias, esse hábito da leitura mesmo que a gente tem, que aparece várias palavras diferentes e ela foi assimilando né, foi gravando. O repertório é muito amplo, até hoje, cada vez tá melhor. Tem horas que, nossa, ela fala difícil e eu fico me perguntando “nossa, como que ela sabe disso?” Palavras que você nem imagina que uma criança de 4 anos, acho que desde os 4 anos, vai falar, vai usar e ela usa, ela sabe a hora de usar, isso que eu acho interessante. Ela sabe direitinho a hora de usar tal

palavra. E é esse hábito da leitura, sim, eu tenho certeza, porque desenvolve bastante. Importantíssimo o hábito da leitura, toda criança deveria ter, tem que incentivar muito na escola. Eu leio todo dia pras crianças na escola, eles até sabem o horário já, que é depois da janta. A gente fala “hora da história” e eles já vão sentando e tudo é o costume, a rotina, que rotina é muito importante. **[você sabe se na escola nova dela eles têm esse hábito?]** Tem, tem sim, a professora conta uma história e agora eles vão começar a trazer pra casa pra gente contar. Lá na escola, tinha uma professora que ia toda semana contar uma história. É legal porque não é a professora, é uma pessoa que vem de fora e também tem o ambiente, às vezes a gente ia pra biblioteca, ficava embaixo de uma árvore, pegava umas almofadas, tapete... O ambiente é bem legal, assim, diferenciar. As crianças adoram esse momento: ela chegava com o carrinho cheio de livro e as crianças já ficavam todas animadas. E ela que escolhi a história de acordo com a faixa etária, isso é muito importante. Eu lembro que teve uma época que fizeram um projeto de levar o livro pra casa, aí mandava o caderno, o livro e giz de cera, aí os pais registraram esse momento, podia tirar foto também, pra colar no caderno. Teve a história do jacaré, que tinha a ver com a hora do sono. A professora começou contando essa história... partiu... As crianças que trouxeram mesmo porque tava difícil fazer eles dormirem, que os bebezinhos são mais difíceis, aí a professora trouxe esse história que conta sobre a hora de dormir do jacaré, aí fez esse projeto em cima disso, né, e as crianças que trouxeram essa dificuldade de dormir e a partir daí essa professora teve essa ideia de trazer a historinha do jacaré. E ajudou bastante, a J trouxe esse livro pra casa, eu contava pra ela. Eu acho que ela trouxe umas 2 vezes e tinha o jacaré de pelúcia. Foi bem legal esse projetinho que eles fizeram. Tem foto, até. O pai dela contou a história, o G também contou, tirou foto, registrou o momento. É um momento que une a família, não é só a mãe, o pai, era pra todos contar, pra estar junto.

**Você percebeu alguma mudança em relação aos sentimentos dela? Se ela passou a expressar-se mais...**

M: Ela sempre expressou muito bem, falando bem, eu acredito muito que foi por conta desse hábito aí da leitura mesmo. Desde pequena ela começou a nomear os sentimentos e pra mim tem tudo a ver com as historinhas.

**Você teria algo mais a acrescentar?**

M: Eu só acho que, como eu já disse, toda família deveria ter esse hábito da leitura, não só pra desenvolver o sentimento da criança, a linguagem oral, mas pra ter esse momento. A família deveria ter esse momento, não só a mãe, o pai, mas todos os envolvidos ali. Ter esse momento em família, é muito importante. Acho que toda família deveria ter esse hábito da leitura. Nesse mundo que a gente vive, todo mundo correndo, trabalhando, seria um momento para estar todos juntos. E saber que esse hábito vem diminuindo me dá um sentimento de tristeza mesmo, um hábito tão gostoso, que a gente sente falta. Eu sinto muita falta, assim, quando eu tinha minha vó junto, a gente sentava pra contar... A gente não esquece isso, marca a infância pra sempre isso, e é gostoso voce ter essa lembrança, da mãe, da vó, na roda de conversa, ouvindo as histórias, né. Na varanda, eu lembro que a gente sentava da varanda e minha avó começava a contar as histórias. Isso marca muito, é muito importante, toda criança deveria passar por isso. É uma pena que quase não ta acontecendo mais, nessa correria da gente... mas deveria muito ser resgatado

**Na escola vocês tem esse tipo de projeto já com os bebezinhos? Os pais aderem?**

M: Eles super aderem. tá vendo? Tem que ter o incentivo. Eu acho que a escola é o principal começo pra resgatar isso. E vai ampliando isso, vai passando pra família, de geração pra geração. Pra dar continuidade.

## Entrevista 2

**Mãe:** Laura\*(na Análise de Resultados, seus comentários serão referenciados através da letra L)

**Filha:** Silvia (1 ano e 9 meses)

### **Você adquire livro? Qual a frequência?**

Olha, eu não tenho uma frequência muito específica. Eu sou muito minimalista. Tipo, as vezes, eu leio primeiro online pra depois pensar em comprá-lo no físico, sabe, e aí eu penso muito se de fato é um livro que é bom ter ou não ou se eu só posso ler ele online. Então eu levo um tempo aí nesse processo, além da pesquisa de tentar encontrar livros mais em conta, que muitas vezes ou eu compro pela bienal ou pela amazon. Tipo, depende muito do momento, do livro, porque eu leio muito pela amazon, pelo kindle lá e eu faço esse processo tanto para mim quanto para a sofia. E querendo ou não querendo a biblioteca dela se baseia em mim. A partir do momento que ela quiser fato a dela, a gente vai pensar e vamos reformular como a gente vai fazer isso, mas total tem um dedo meu ali, então de fato eu compro algo que eu acho que vai ser bacana, que eu gosto também, que eu acho que vai fazer sentido **[por que tem algo que voce quer passar?]** exatamente. Então assim, eu diria que pelo menos uns 6 meses nesse processo aí eu acho, entre comprar um livro e outro. E na verdade é porque eu vou guardando lista de livros que eu quero ler e aí eu vou primeiro passando pela fase do ler primeiro pra depois ver se eu vou querer comprar o livro físico ou não. Então acho que no mínimo uns seis meses ou mais. Depende do momento que a gente tá, se tá num momento mais tranquilo. Eu pesquiso muito antes de comprar e aí as melhores opções que encontrei são a amazon e a bienal, que são mais em conta porque livro infantil é muito caro.

### **Qual a sua familiaridade com a contação de histórias?**

Na verdade, é porque eu sempre frequentei muito o SESC e sempre vim muito nas atividades para criança. Então, assim, de fato, eu fui ter mais contato mesmo durante a gravidez, que eu comecei a ler um pouco mais...Eu sempre gostei muito de criança, então eu sempre fui muito de ver o que tava rolando, o que tava acontecendo, então, assim, com a maternidade, eu já sabia que o melhor lugar pra mim com a Sophia seria o SESC, né? E o SESC, pra mim, foi a porta de conhecimento para esse mundo da criançada aí, com uma pegada do que eu acredito mais. **[E você teve esse contato na sua infância?]** Não, eu não tive esse hábito. Eu fui adquirir esse hábito pra leitura, essa coisa da história na escola mesmo, que as pessoas começam a mandar ler livro e quando eu achei um livro que de fato eu curti, eu comecei a pegar o gosto e comecei a procurar livros que tinham esse perfil que era o que eu percebi que gostava e aí foi quando eu comecei a desenvolver meu hábito, minha paixão né, pela leitura. **[E isso ocorreu com a maternidade?]** Não, assim, de fato eu sempre li, mas me interessei mais depois, pensando nos livros que eu poderia trazer pra ela, de buscar uma maternidade diferente da que minha mãe me pregou. Então eu sempre tive isso como um espelho: o que eu não queria pra ela e o que eu queria trazer.

### **E como é o momento da contação?**

Normalmente é quando a gente tá perto do horário de dormir, que daí a gente fica pelo menos 1 hora ali porque ela demora um tempinho pra dormir, e aí é o tempo dela começar a desacelerar, esse processo. Daí ela vai se acalmando, e aí as vezes eu leio uma, duas, três, quatro, cinco, seis (risos) e aí de fato ela vai pegar, as vezes ainda demora um pouquinho, mas geralmente é pra ajudar nesse processo de desacelerar da noite. Às vezes ela pega também,

quando ela volta da escolinha, quer ler um pouquinho mas e rapidinho. Não fica assim uma quantidade de tempo grande como é na hora de ir dormir.

### **E como é essa contação?**

Então, tem os dois tipos. A gente tem um livro que tem historinha mas tipo super rápido, eu leio e mostro de volta. Tem um outro que ele é na verdade pra quando ela tiver mais velha, mas ela adora coelho e tem coelho no negócio, e ela gosta. Como eu sei mais ou menos a história, eu vou contando por cima, em cima das figuras, que é os dois que ela pega. Mas antes eu era muito de mostrar a imagem pra ela, no começo, tipo eu ficava meio que contando por cima, por exemplo, o das extraordinárias é todo coloridão e eu ficava falando um pouco sobre cada mulher que tava ali e tal, mas agora ela tá curtindo mais esses dois, então a gente tá mais ali.

### **Como é pra você a experiência de contar história?**

Ah, eu adoro! É uma experiência tipo, é um momento muito nosso, que a gente tá criando um outro tipo de vínculo que eu acho que na verdade vai ser uma processo pra quando ela parar de mamar, que eu acho que tipo a gente tem que trocar os vínculos né, eu acho que toda a maternidade a gente vai mudando, e eu acho que a gente tá nesse processo, nesse caminho de achar um outro vínculo pra quando ela parar de mamar, né, que ela de fato tá diminuindo o número de mamadas, não que assim ela vá diminuir drasticamente o número de mamadas de uma hora pra outra, mas tá diminuindo cada vez mais. Eu acho que é o nosso vínculo, é o nosso momento e eu gosto muito, assim, quero continuar por muito e muito tempo, sempre atrás de histórias que ela curta, assim, essa é a minha ideia.

### **Deixa eu ver se entendi: você escolhe as histórias que quer comprar, mas quem escolhe a história que vai ser lida naquele momento é ela?**

Sim, exatamente.

### **Com que idade você começou a ler pra ela ?**

Ah, desde sempre, eu acho que até quando ela tava na barriga eu já lia.. É, eu não era muito do tipo de falar durante a gravidez com a barriga, mas ler eu lia, tipo pegar esse momento pra ler, e aí falava com ela, tipo, “ah, esse livro vai ser bacana quando você crescer...”. Eu sempre gostei muito. Então eu acho que era desde quando ela tava na barriga.

### **Por que você começou com esse hábito, com essa contação de histórias?**

Olha, porque eu acho, eu vejo que é uma forma da criança criar esse hábito, de trabalhar nesse lado criativo dela, da imaginação, da estimulação, que eu acho super importante, acho que a gente... a sociedade já poda desde que a gente é criança, dizendo isso é coisa de menino, isso é coisa de menina, porque, assim, por exemplo, o bebê menino pode chorar, quando ele é bebê, mas a partir de 1 ano, 2 anos, vai virar pra ele e começar a falar “não, você não pode chorar porque você é homem”. Então, assim, eu acho que a criança já cresce sendo tão podada, sabe, e eu acho que é importante cultivar esse lado da imaginação, isso é tão rico pra elas, e eu acho que isso a gente lá pra frente, pra quando a gente for adulto, da gente não esquecer. E eu também acho que isso é um resgate pra gente, desse lado assim, desse lado criança, desse contato, assim, eu acho muito importante.

### **Querida que você me contasse um pouco sobre os tipos de histórias que você conta..**

As histórias que eu comprei no começo são mais tipo, é... preparando ela para esse mundo, do tipo falando sobre ser mulher nessa sociedade, de conhecer as mulheres da nossa história, de ver o quanto é importante conhecer a história das mulheres que vieram antes da gente,

entender que a gente não tem que ser aquela mulher tradicional, que a gente pode ser a gente... As histórias que eu escolhi pra ela tem muito um foco no empoderamento, de encorajar a ser ela mesma, desenvolver o lado emocional que é importante, sabe, que por exemplo, o medo faz parte e não é uma coisa que a gente tem que podar porque ele tem que existir, não podar os nossos sentimentos, não guardar emoções, eu acho que mais ou menos isso seria tipo a base das histórias que eu escolho pra contar pra ela, do que eu quero passar pra ela.

**E como você acha que ela recebe essas informações? Você acha que ela entende, como ela entende?**

Olha, eu acho que cada dia mais ela tá entendendo mais, porque além do reforço da leitura, a gente tem as camisetas que a gente gosta muito, aquelas camisetas de empoderamento, e eu acho que a gente vai crescer nesse ritmo, né, tô aí nesse caminho, porque ela já tem uma personalidade muito forte, que ela já tem desde que ela nasceu, ela também é muito sentimental porque ela é canceriana, então juntou esses dois fatores aí e eu acho que ela tá aí criando seu próprio caminho, sua forma de ser, e eu acho que esse é o caminho.

**E a S demonstra interesse quando você está lendo? Como é o comportamento dela?**

Ela já seleciona quais livros quer ler, ela já sabe onde tá o livro, ela vai lá e busca, já pega minha mão pra gente sentar pra ler, então assim, ela já nesse caminho pra ler, eu não preciso mais fazer esse ritual porque ela já faz já. [Autônoma já, ne?] sim, super autônoma. Ela sempre foi muito curiosa, então, eu não sou aquela mãe de podar, então eu acho que a melhor forma de aprendizado é ensinar porque aí eu acho que ela vai treinando e vai conseguindo fazer. Então, por exemplo, escada, eu nunca limitei tipo “não pode subir”, eu ensinei ela a subir que hoje ela sobre super, ela é muito rápida pra subir, se eu me distraio, ela tá lá em cima já. Cadeira, sofá, eu sempre ensinei ela a subir, então é isso.. Ela já consegue descer do carrinho sozinha, quando ela não quer ficar mais no carrinho, ela desce. Então ela é super autônoma em vários sentidos, assim.

**E sobre os tipos de histórias: você já contou histórias suas ou histórias inventadas?**

Olha, eu acho que, quando eu falo muito das histórias, eu sempre falo muito de mim, lembro de algo relacionado a mim, principalmente quando eu conto das mulheres extraordinárias ou por exemplo, o livro que fala da, do livro que fala das histórias de ninar para garotas rebeldes, tem vários fatos ali dentro que me lembram de várias coisas minhas, então eu vou emendando com as histórias, falando uma coisa ou outra minha, assim, de dentro das histórias, e eu acho que esse é o caminho.

**E quando você conta sobre você, você percebe alguma mudança nela?**

Eu acho que ela já tá absorvendo muitas coisas assim, já, do que rola de... Assim, eu converso muito com ela, ela é muito esperta, ela já sabe muita coisa, então se ela quer uma coisa, ela tá instigada pra ter aquela coisa, ela vai lá e depois olha pra você porque sabe que tá fazendo coisa errada e vai ver sua reação, porque as vezes ela quer ver sua reação, e eu converso muito com ela, ela entende muito. Falo pra ela ir buscar o sapato, ela já sabe, ela já sabe muita coisa assim.

**E durante a contação, vocês encenam a história, brincam...?**

Ah, a gente dá uma brincadeira ali, assim e tals, como eu disse, é um momento em que eu procuro desacelerar ela, então procuro uma brincadeira mais calma, mais simples, não tipo muito agitada, porque se não, não vai funcionar da forma que era pra funcionar de fato.

**E há algum tipo de conversa, reflexão, depois da contação?**

Então, eu acho que isso pode rolar mais lá na frente, acho que ela tá muito pequena pra isso, assim. Porque querendo ou não querendo, quando você adquire esse hábito, você de fato vai vendo que essas coisas vão entrando. E aí, mesmo a reflexão eu acho que futuramente vai fazer parte mas não num momento que talvez não seja imediato, pode ser no dia seguinte, porque a criança vai criar esse hábito de dormir mesmo. Então eu acho que a reflexão, mesmo lá na frente, não venha de imediato, acho que talvez depois, dê uma acordada, no outro dia talvez.

**E você percebe se ela demonstra sentimentos...**

Muito, muito, ela desde sempre foi aquela que chora de lágrimas, assim, sentida, faz aquela cara assim... Ela tá chegando nos dois anos né e tá chegando naquele desenvolvimento emocional, daqueles que você fala um “não” e ela super chora, finge muito, do tipo que ela quer fazer alguma e se você não deixa, ela já se joga. Tamo aí no trabalho desse caminho aí...

**E na contação, você percebe que ela demonstra mais sentimentos?**

Como ela gosta muito desse do coelhinho, ela fica “olha, olha”, ela não consegue ainda falar “o coelhinho” mas ela aponta e ela tem um coelhinho, mas aí ela aponta. Tem um outro que tem um neném, e aí ela fala “olha o neném, olha o neném”].

**De acordo com o tema da história, já houve alguma contação com uma história triste, ou de medo, ou outro sentimento?**

Então. ainda não cheguei muito nessa ainda não, acho que mais pra frente talvez. [e nas histórias com finais felizes, como ela fica?] Fica feliz, fica contente. Bate palma até no final, se você fala que acabou ela já bate palma.

**E qual o comportamento dela durante a contação?**

Ela fica quieta prestando atenção. Mas eu percebo que agora ela tá num momento em que, às vezes, ela não consegue ficar o tempo que ficava ouvindo a história inteira. Para um tempo, depois ela levanta, depois continua a história. Tem acontecido um pouco isso, mas tamo na rotina.

**Ela sempre espera o final das histórias?**

Espera. [acontece dela ir dormir antes?] Ainda não. Normalmente ela dorme depois que conta a história.

**Ela já se mostrou ansiosa pelo final da história?**

Ah, as vezes ela já pega o livro e tipo vira pra ir pro final, pra última página.

**Como vocês finalizam o momento da contação de histórias?**

Ah, então, eu falo do final da história e falo “eeeeh acabou” e ela vê que acabou e vai pegar um outro livro talvez pra gente poder dormir.

**E ela dorme sozinha?**

A gente dorme no mesmo quarto, mas a gente tá no processo né. No começo ela dormia comigo na minha cama, pra ela dormir na dela agora. E nesse último mês... Porque ela ficou doente, ela ficou mais dengosa. Ela dormia na cama dela e acabava vindo pra mim. E agora de fato ela tá dormindo mais na dela. Eu já aprendi que ela precisa de alguma coisa pra agarrar.

**Quando ela vai dormir, você precisa ficar com ela ou ela fica sozinha?**

Não, as vezes, ela já deita sozinha e aos poucos vai começando a dormir...

**E sobre o vínculo entres vocês, você acha que mudou algo?**

Eu percebo assim, pelas que não tem esse hábito, que as vezes o horário de dormir é bem mais difícil, mais complicado, né, e aí ou é só um vínculo com o peito, né, e aí você pensa como vai ser depois, porque elas não criaram vínculo e eu acho que a gente já tá nesse processo do vínculo pós o... pra ela parar de mamar. Acho que tem essa diferença de quem tem o hábito e de quem não tem o hábito.

**E você acha que o seu vínculo com ela tornou-se mais forte, mais fraco...?**

Eu acho que cada dia tá fortalecendo mais, acho que faz parte da nossa rotina já e cada dia fortalece mais, acho que é isso.

**E ja aconteceu de você não contar a história e ela lembrar?**

Não. porque no início, eu já iniciei esse hábito como uma forma dela desalecerar desde sempre, então eu sempre acabava fazendo isso. Acho que os dias que esqueci foi tipo o dia que ela tomou vacina que ela ficou mais dengosa, mais chorosa por conta da vacina, pedindo colo e agora quando ela ficou doente ai ela fica mais manhosa, e aí ela quer mamar mais, quer mais colo.

**E você já percebeu se ela usa a história? Se ela se coloca no lugar de algum personagem?**

Olha, assim, ela gosta muito da história do coelhinho porque ela gosta muito de coelhinho, tipo já tem dois porque ela tinha um e agora ganhou outro, e ela gosta de ficar carregando ele, ela nina ele, então eu acho que pode ter relação aí. **[E como é esse coelhinho na história?]** Então, é um coelhinho que não consegue dormir e aí a mãe dele tem a ideia de levar ele num cientista, mago que ajuda as pessoas a dormirem, que faz qualquer pessoa dormir e aí ele dá uma poção para ajudá-lo a dormir e ele volta pra casa e consegue dormir. Essa é uma das histórias favoritas dela.

**E em relação a linguagem, você percebe alguma influência da contação de histórias?**

Ah, ajuda bastante no falar, ela não tá falando ainda, ela fala só umas palavras específicas: mamá, papá, mãe, pai, neném, ela fala. Às vezes, ela repete alguns sons do que a gente fala, tenta pronunciar, mas é muito aleatório e é, assim, muito dela. Acho que é, é mais essas palavras que ela fala.

**E em relação a linguagem não oral, você acha que há influência?**

Ah, siiim, ela aponta muito. Por exemplo, quando ela quer tirar a blusa, ela começa a puxar pra dizer que quer tirar a blusa, se ela quer tirar a meia, ela vai lá e tira ou se não consegue, ela fica mostrando. Quando ela quer água ela já aponta, de comida também, porque ela já fica subindo na mesa e fica pedindo, várias coisas assim muito dela. Quando ela quer subir no carrinho, quando ela quer assistir o dvd dela, que a gente tem um dvd de músicas infantis japonesas que meu irmão comprou, que ela gosta muito de ficar assistindo, ela já fica apontando pro dvd.

**E você gostaria de acrescentar algo?**

Olha, eu acho que a leitura é super importante pro desenvolvimento da criança, pra ajudar no contato, nesse vínculo da mãe com a criança, que instiga muito a imaginação e uma coisa que me preocupa muito hoje em dia que é esse mundo do consumismo, então a leitura pra mim é uma forma de mostrar o quanto é mais importante se saber ler, cultuar esse hábito de leitura

do que comprar e ter coisas, né, eu acho que tem toda uma relação nisso, principalmente. Eu acho que é isso.

### **Entrevista 3**

**Mãe:** Amanda\* (na Análise de Resultados, seus comentários serão referenciados através da letra A)

**Filha:** Estela, 3 anos

#### **Você falou que ela ganha bastante livro, né... Mas você também compra? Tem alguma frequência?**

É tipo assim, quando a gente vai no, por exemplo, centro de Osasco, a gente leva ela pra escolher algum. Às vezes, ela quer um caderno de desenho, uma canetinha, ou às vezes, ela pegue aqueles, tipo aquele ali, que tem historinha e também a parte pra desenhar, pintar, que vem quebra cabeça também pra recortar, **[E ela que escolhe?]** É, ela que escolhe. Sobre isso ela que escolhe, ela se joga mesmo. Até um tempo desse, ela tinha um da galinha pintadinha, eu não sei se você lembra, mas ela gostava muito da galinha pintadinha, e ela escolheu dois livros de lá, bem legal. Um que você vai clicando e ele vai contando a história, é bem educativo o livrinho e não é uma coisa, assim, cara, é uma coisa baratinha, o que? Uns 20 reais? É barato, porque tipo assim, ele é educativo, ele conta a história, conta musiquinha e tem alguns que vem com a canetinha pra você desenhar, tipo o outro que teve, só que ela estragou né, pra variar... (olhando pra Esther). Ela arrancou a capa, mas durou bastante. O bom é que dura bastante. Mas sim, é ela que escolhe as coisas assim que ela quer.

#### **Qual a sua familiaridade com a contação de histórias? Você gosta de ler? Teve algum contato com histórias na infância?**

Assim... Ler me dá sono, não vou mentir, me dá o maior sono (risos), mas é um jeito que a creche acha, inclusive eu acho bem legal, de nós [os pais] estarem interagindo com a criança, de estar ali mais junto com elas. **[Então foi mais depois que a Esther iniciou na escola?]** Não, desde novinha. Como eu te falei, ela tinha o livro da galinha pintadinha, a gente contava, ela apertava os botões. **[Então isso partiu dela?]** Foi, foi dela sim. Foi uma coisa que partiu dela, não da gente. Foi uma coisa que partiu dela, de interesse dela. É, o pai dela gosta. A gente diz "ai tomara que ela continue assim estudiosa, porque eu mesma fui uma negação...".

#### **Como é o momento da contação de histórias?**

Nosso momento... Tipo, assim, quando vem os livrinhos da escola, o que que a gente faz? A gente senta no colchãozinho aqui no chão, ela senta do meu lado e eu conto pra ela, ai depois ela pega e conta pra mim. Aí depois, quando o pai dela chega, conta também pra ela e faz a mesma coisa, entendeu? Depois a gente desenha. Mas quando não tem esse da creche, ela pega o livrinho, ela começa a contar pra gente, ela pede pra gente contar pra ela. **[E tem algum momento específico do dia?]** Não, é a hora que ela quer mesmo. Quando ela quer, quando ela pede.

#### **E nessa contação, vocês brincam, dramatizam?**

Às vezes sim, às vezes não. Depende da história... Eu meio que sempre tento elaborar alguma coisa, tipo, a do lobo todo mundo sabe que tem que assoprar a casa (risos), a da chapeuzinho vermelho a gente sabe também o que fazer, tem algumas mais fáceis pra gente interagir e tem outras que não é tão fácil assim... Mas ela, ela é bem teatral mesmo. **[Quando ela conta a história, também é nesse estilo teatral?]** Conta, conta desse jeito.

**E como que é pra você a sensação de contar histórias? Você gosta, desgosta?**

Não, eu gosto, porque assim, como a gente fala, a gente só quer ter um filho, então a gente quer dar o que a gente teve e o que a gente não teve, tipo de poder pagar mais pra frente uma faculdade, e se ela quiser a gente tenta ajudar ela de todos os jeitos. Dar mais atenção pra ela de todas as maneiras, brincar com ela, entendeu? A gente não quer tipo deixar ela no canto e fazer o que quer, como muitas mães hoje em dia fazem. **[e na contação de histórias você vê isso de fornecer mais atenção e recursos pra ela?]** Sim, sim!

**Então você iniciou a contação de histórias por interesse dela, né? Sim. E o que te faz manter?** É porque ela gosta, é um interesse dela. Como eu te falei, o que ela mais gosta de ganhar é um livro. Se ela ganhar um livro agora, ela vai pegar o livro e vai falar pra mim “senta aqui agora, vamos ler esse livro”. Aí a gente começa a contar e depois ela conta. Ela gosta bastante. **[E mais alguém conta história pra ela?]** Não, só eu, o pai dela e a professora dela da creche.

**E ela conta pra você sobre a contação de história na creche?**

Conta sim, menina, eu nem chego em casa, ela começa falando desde a hora que sai da creche até chegar em casa. Até as musiquinhas que ela aprende, ela sai cantando da creche até chegar em casa. Aí a gente começa a brincar na rua... Eu acho que o povo deve me achar doida porque eu começo a dança na rua com ela, sabe, de rodar, a gente pega uma a outra e sai rodando na rua, aí começa a correr brincando de pega-pega... Eu e ela somos bem criançona, não precisa de mais nenhuma criança (risos).

**E num geral, quais os tipos de histórias que você conta pra ela?**

Ah, o que ela gosta mais, assim, são os contos de fada, como você pode ver ali, o do cascão, o do mágico de Oz, são bem diversas.

**E você já contou histórias suas ou inventadas?**

Não, são mais as historinhas prontas mesmo. Eu inventar história é muito raro, ela que inventa a história às vezes. Ela começa a contar, vamos supor, eu tô contando a história da fada, aí ela já inclui o mágico de Oz e vai inventando um monte de coisa. “Aí minha vó foi lá e pegou não sei o que”, aí ela já coloca a avó, coloca o nome do meu pai, e vai inventando assim, sabe.

**E durante a contação ela demonstra sentimentos?**

Não, não...

**E depois da contação vocês fazem alguma atividade?**

Ah, a gente interage bastante durante a contação, a gente brinca bastante também. Depois de contar a gente brinca. Vamos supor, tá vendo aquela toalha ali de quando é pequena que tem aquela touca pra colocar na cabeça? A gente usa ela pra brincar de chapeuzinho vermelho (risos) ou se não a gente pega o cobertor e faz a Frozen, aí ela usa o cobertor como se fosse a capa da Frozen, a parte que joga sabe? e fica brincando.

**E como é o comportamento dela durante a contação de histórias?**

Tipo assim, ela fica meio inquieta. Vamos supor, eu tô começando uma história agora, ela pega e “não, vamo contar esse”, aí ela para quando tá chegando na metade e “vamo contar esse”, aí tipo assim, ela é meio inquieta, ela quer todos ao mesmo tempo praticamente. **[e como vc prossegue?]** Ah conto todas historias, para uma, começa a outra.. **[E ela já pediu para voltar para alguma que você iniciado ou ela vai indo e indo...?]** Vai indo até... todas que ela quer. Mas as vezes ela deixa acabar, tipos, das princesas ela deixa acabar. **[E nisso de**

**começar e parar e começar outro livro, como você sabe que acabou a contação?]** eu não sei (risos). Assim, quando a gente percebe que ela não quer mais, que ela não tá prestando atenção mais, a gente para, porque não adianta a gente contar e ela não querer, ne?

**Você acha que, por conta da contação de histórias, mudou algo na sua relação com ela?**

Ah, muda muito, porque eu e a Esther, se você para pra ver, nós somos muito próximas, não sei se é por isso, porque tem vezes que ela não quer ir pra creche e quer ficar comigo. Então eu não sei se é por conta disso, mas eu sinto que a gente fica mais próxima.

**E você já percebeu se ela faz algum tipo de uso da história, se ela se coloca no lugar de algum personagem ou conta algo do personagem mas se referindo a si mesma?**

Ah, ela brinca muito. Por exemplo, quando eu vou dar banho nela, ela pega a toalha, põe na cabeça e fala que é a chapeuzinho, aí as vezes ela vai no banheiro e fala assim “mãe, oh, agora eu sou o peixinho, você lembra da história do peixinho?” **[E qual é mesmo?]** Ah, do bichinho teimoso, é um peixinho.

**E o vocabulário, a linguagem, você acha que se modificou após começar a contação de histórias?**

Então, o que eu percebi é que ela não falava muito, porque ela era muito tímida, sei lá, e hoje eu percebo que ela já se solta mais, ela já fala mais do que a boca. Quando ela começa a falar, ela não para. **[e você acha que isso tem influência das histórias?]** Eu acho que sim porque quanto mais você tem um diálogo com a criança, conversa, conta história, a criança vai começar a falar, a ter mais ideias, sabe? Porque, vamos supor, se eu não falo com você, se não tem um diálogo... Por exemplo, quando eu era pequena, a minha mãe vivia trabalhando e eu só fui começar a falar com uns 4 anos, até então, minha mãe achava que eu era muda porque ela não conversava comigo. Ela até me levou em médico porque ela tinha certeza que eu era muda porque eu não falava. E assim, eu acho que a história ajuda muito, porque bem, a Esther fala muito, muuuuito e inventa muita história (risos). **[E você costuma deixar ela falar livremente e contar essas histórias?]** Ah, eu deixo sim, ela conta, eu acho que é bom pra ela, ajuda ela a falar... Mas assim, às vezes, ela fala tanto mas tanto que ela não deixa eu falar com você, por exemplo, ela quer falar falar falar até ela acabar. Mas ela nunca acaba (risos). **[mas ela parece ser bem extrovertida né, porque eu não tive nenhum contato com ela e ela já chegou contando as histórias, mostrando os brinquedos...]** é, mas ela não é assim, não. Ela é muito tímida. Com algumas pessoas, ela chega e fica muito tímida, e com você ela já se soltou muito mais. Ela se soltou bastante, tem pessoa que ela nem fala nada, demora uns 20, 30 minutos e as vezes nem fala mesmo.

**E você acha que ela passou a expressar-se mais por conta da contação de histórias?**

Não, sei lá, ela se expressa bem, não sei, assim, acho que em todos os sentidos a creche ajudou muito porque, hoje em dia, ela passou a falar muito mais por conta da creche. Muitas coisas ela faz mais por conta da creche, porque a gente não tem muito tempo, a gente trabalha muito. Às vezes, a gente chega e só quer descansar. A gente tenta ter alguma troca com ela, mas as vezes, não dá. **[Ela entrou na creche com quantos anos?]** Ah, 1 e meio eu acho, quase indo pra 2.

**Você sabe como é a contação de histórias na escola?**

Não... Então, eu ainda não tive o tempo pra isso porque eles não deixam a gente só ficar mais tempo na escola, a gente deixa ela e já vai trabalhar. Mas teve uma reunião, foi ate no dia das mães do ano passado ou retrasado, que foi assim que ela entrou que ela fez, que eles pegaram uma musiquinha e eles pegaram e a professora contou uma história. A gente fez uma roda, as

crianças sentaram no nosso colo e a professora contou a história, aí ela ia pedindo pras crianças representarem o que tinham aprendido lá, tipo assim, tem o lobo e o lado mau assopra, então era pra elas assoprarem, mas acho que eles ficaram com vergonha porque tinha um monte de mãe, pessoas que eles não conhecem aí eles ficaram meio com vergonha, mas foi bem bacana. Foi na primeira reunião que teve dela, quando ela entrou.

[Esther deitou no chão e começou se arrastar no chão. A mãe olhou, colocou a mão na frente do rosto e deu risada]

Mas a gente brinca bastante... A gente brinca... É uma coisa que hoje em dia não tem mais isso. A gente não brincava antigamente, que colocava um saco de batata e começava a pular? Hoje em dia a gente amarra a perna e começa a brincar de pular alí oh. Tem um negócio de medir... Aquela fita né? A gente amarra na perna e começa a brincar de pular (risos), isso quando a gente não amarra na cintura e começa a brincar de cachorro, de *Rabito* (risos).

**Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar a entrevista?**

Não, não, acho que nada, acho que tá tudo aí.